

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO**

**KÊNYA JESSYCA MARTINS DE PAIVA**

**AS MULHERES, O ARTESANATO E O TURISMO: UM ESTUDO SOBRE O  
PROTAGONISMO DAS MULHERES NA CONSTITUIÇÃO DA CASA DA  
ECONOMIA SOLIDÁRIA DE JAGUARÃO/RS**

JAGUARÃO

2024

**KÊNYA JESSYCA MARTINS DE PAIVA**

**AS MULHERES, O ARTESANATO E O TURISMO: UM ESTUDO SOBRE O  
PROTAGONISMO DAS MULHERES NA CONSTITUIÇÃO DA CASA DA  
ECONOMIA SOLIDÁRIA DE JAGUARÃO/RS**

Projeto Aplicado apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Buriol Farinha.

JAGUARÃO

2024



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**KENYA JESSYCA MARTINS DE PAIVA**

**AS MULHERES, O ARTESANATO E O TURISMO: Um estudo sobre o protagonismo das mulheres na constituição da casa da economia solidária de Jaguarão/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Tecnóloga em Turismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 17 de dezembro de 2024.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Alessandra Buriol Farinha  
Orientadora  
UNIPAMPA

Profa. Dra. Leticia de Faria Ferreira  
UNIPAMPA

Profa. Dra. Cristina Pureza Duarte Boéssio  
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRA BURIOL FARINHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2024, às 16:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CRISTINA PUREZA DUARTE BOESSIO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/12/2024, às 12:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LETICIA DE FARIA FERREIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/12/2024, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1637064** e o código CRC **CCE2565E**.

Unipampa – Campus Jaguarão  
Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP: 96300-000  
Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M24m Martins de Paiva , Kênya Jessyca  
AS MULHERES, O ARTESANATO E O TURISMO: UM ESTUDO SOBRE O  
PROTAGONISMO DAS MULHERES NA CONSTITUIÇÃO DA CASA DA ECONOMIA  
SOLIDÁRIA DE JAGUARÃO/RS / Kênya Jessyca Martins de Paiva .  
96 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, GESTÃO DE TURISMO, 2024.  
"Orientação: Alessandra Buriol Farinha".

1. Mulheres . 2. Casa da Economia solidária . 3. Turismo .  
4. Protagonismo . 5. Jaguarão . I. Título.

Dedico às minhas avós: Maria da Luz da Silveira Martins e Terezinha Vaz de Paiva (*in memoriam*). Antepassadas que amo e honro.

Dedico a todas as mulheres que constroem a Economia solidária em Jaguarão, na América Latina e no mundo. Vocês são essenciais!

## AGRADECIMENTOS

Ser professora e ousar cursar uma graduação à noite é, sem dúvida, uma jornada desafiadora e exaustiva. Iniciei o curso de Turismo enquanto realizava a especialização em Ensino de História e, no semestre seguinte, fui selecionada para o Mestrado em Educação, na Unipampa. Tudo isso enquanto trabalhava 44h semanais! Esses compromissos acadêmicos simultâneos contribuíram para a demora na conclusão da graduação em Turismo. Mas isso não representou um problema para mim, pois desde o início, encarei o curso como uma oportunidade de lazer e enriquecimento pessoal, com o objetivo de ampliar meu conhecimento sobre Jaguarão e região e de oferecer suporte à minha atuação como docente de História. Assim, dediquei-me ao curso de maneira leve e tranquila, sem as pressões acadêmicas habituais.

Antes de iniciar os agradecimentos, preciso expressar o quanto foi gratificante escrever este trabalho. Tenho plena consciência da grande responsabilidade que é trabalhar com as histórias de vida de mulheres que conheço e admiro, e por isso, frequentemente, senti receio de estar *fazendo algo errado*. Mas, para conseguir escrever tive que aceitar e me permitir possíveis falhas e, portanto, desde já, peço compreensão se acaso nessas páginas existir algum equívoco. Esse trabalho foi produzido com todo o amor que habita em mim e me encheria de alegria saber que ele representará um pouco do todo que é a história da Casa da ECOSOL para essas artesãs, para a nossa cidade e para nós, fronteiriças e fronteiriços.

Agora sim, voltamos aos agradecimentos. Me atrevo a dizer que é essa a minha parte preferida da escrita acadêmica: agradecer é poder tirar de nós o peso do individualismo e espalhar ao mundo o quão necessária é cada *pessoinha* que caminha conosco. Os processos, por não serem lineares, muitas vezes nos tiram da órbita; portanto, ter com quem contar e em quem oferecer a nossa confiança torna tudo mais leve e possível. Por isso, com a certeza de que somos o resultado de várias experiências compartilhadas com uma imensidão de pessoas e com o propósito de dar unidade ao que só pode ser visto na sua coletividade, agradeço às partícipes, diretas e indiretas, deste trabalho.

Destaco, primeiramente, a fundamental colaboração das artesãs, que sendo fiéis a lógica de solidariedade que permeia o modo econômico com que pleiteiam seu trabalho e suas vidas, compartilharam apoio, amorosidade e sabedoria comigo.

Roseli, Joceli, Yasmin (Miny), Rosangela, Marilza, Cenilza, Taiane, vocês alimentam a chama da esperança num outro mundo, um mundo cooperativo, um mundo igualitário, um mundo em que cabe todos os mundos. O trabalho de vocês é tão importante, que eu gostaria que o planeta pudesse conhecer e reconhecer o modo como vocês se organizam, planejam e executam a gestão da Casa da ECOSOL. Como não tenho meios de fazer isso com o planeta, deixo essa pequena contribuição, a nível local, na expectativa de que possa atuar na defesa da Economia Solidária em Jaguarão. Agradeço a cada uma pela doação do tempo de vocês e por aceitarem fazer parte desta pesquisa.

À minha orientadora, mulher que me inspira por sua inteligência, generosidade, disposição, acolhimento, carisma e, se fosse escrever todas as qualidades, sem dúvidas, iria extinguir o *Aurélio* e ainda não seria o suficiente para descrevê-la. Mas dentre todas as possíveis habilidades que me inspiram, resalto que é a docência a que mais admiro. Aulas envolventes e entusiasmadas, que nos motivam a querer sair de casa após um dia cansativo de trabalho; nos fazem sentir desejo por conhecimento; nos dão estímulo e encorajamento para prosseguir com persistência, pois sempre nos apresenta um campo de possibilidades. Muito mais que uma orientadora de Projeto Aplicado, a Alessandra Buriol Farinha é presença de amor e sabedoria na vida de quem, com ela, tem a sorte de compartilhar momentos.

À Jane da Silveira Martins de Paiva, minha mãe, e ao Paulo Roberto Vaz de Paiva, meu pai. Existirá algum dia um *Agradecimentos* sem vocês? A resposta é não, jamais, nunquinha. É esse o casal responsável por todas as conquistas que tive oportunidade de viver ao longo da minha existência e quem sempre vou amar e honrar.

À Virgínia Lucena, a amiga-irmã que aprecia os amores e desamores da minha caminhada há quase 30 anos. Companheira de sonhos por justiça e equidade, e acima de tudo, pessoa que contribui com a comunidade no seu dia a dia através da Educação, fato que admiro muito. Sinto felicidade por poder contar com a sabedoria e a amizade da Vivi. Agradeço por me ouvir e me acalantar todas as vezes que precisei de um colo de irmã. Agradeço também pela tua leitura e auxílio nesta pesquisa.

À Pamela Arrieche, minha “miga-miga”, mulher guerreira, batalhadora e cheia de potencial para realizar tudo que almejar. Essa grande mulher me acolheu e me auxiliou em momentos de tempestade e essa ajuda, de alguma forma, me permitiu

que pudesse voltar a estudar e a acreditar em mim. Gratidão, Pam, pela sincronicidade, pelos recíprocos laços de amizade e por ser parceria de inquietudes filosóficas.

Às *Margaridas* Bruna Ávila e Juliana Jung, meninas que ajudaram — através das vastas reflexões sobre *feminismo, gênero e mulheres* — a forjar conceitos que, ainda que jamais estejam acabados, são importantes na construção pessoal e profissional que processo no *fazer e ser* humana em coletividade. Com elas, tive a minha primeira experiência em coletivos! A partir dessa amizade crio e ressignifico as utopias e, ao vê-las adiante nos estudos, reafirmo a potência radiante que sonhar e estudar têm na vida das mulheres da classe trabalhadora.

Ao Coletivo Binacional Mulheres de fronteira/Mujeres de fronteira, no qual também faço parte e que desde sua fundação em 2015, tem me ensinado muito. Participar de uma rede que une mulheres de diferentes contextos e trajetórias, atravessando fronteiras geográficas e culturais, me proporcionou ampliar a visão sobre questões como igualdade de gênero, justiça social e direitos humanos. No coletivo, aprendi a importância da escuta ativa, do diálogo construtivo e do respeito às diversas formas de ser e estar no mundo. Agradeço a cada companheira pela amizade, confiança e fortalecimento construído.

À Sociedade Independente Cultural - SIC, organização que me acolheu há alguns *vários* anos e que me proporciona, desde então, a oportunidade de aprender mais sobre eventos, políticas culturais, escritas de projetos, e muitos etc. A SIC é a entidade organizadora da Feira Alternativa de Literatura e Artes da Fronteira, projeto que nos últimos anos foi coordenado por mim, em conjunto com as nossas queridas companheiras ativistas uruguayas, professora Maria do Socorro Marques e Mireya Brochado. Agradeço à vocês pelos sonhos compartilhados e pela compreensão com as minhas ausências durante o segundo semestre deste ano.

À Marcia Acosta, amiga em forma de presente que recebi na primeira escola em que trabalhei, mulher que me alimentou com suas comidinhas maravilhosas, que entrou no curso junto comigo e foi parceria de idas e vindas para a Unipampa; uma pessoa amada, espontânea, autêntica e carregada de sabedorias. Obrigada por ter compartilhado comigo desde boas ideias até conselhos especiais sobre a vida.

Ao Rodrigo Pinto da Silva, colega de curso, aquele que aparenta ser o mais tímido da sala, mas, à medida que nos conhecíamos, demonstrou que era apenas aparência. Parceiro de trabalhos, de risadas, de desesperos, de conversas toscas e

também inteligentes, uma pessoa incrível que hoje é mais que um colega, é um amigo leal! Obrigada por ter lido este trabalho e me dado algumas dicas!

Ao Rafael Costa Gutierrez, por ter acompanhado os processos estudantis/pessoais durante o percurso deste trabalho, tendo sido um suporte emocional e amoroso. Obrigada pelo carinho, pelas caminhadas, por ter lido este trabalho, por ter me apresentado comidas deliciosas e emoções sensacionais, e por tantas outras coisas. Obrigada pela tua existência ter colaborado com a minha.

Às escolas que me acolheram durante o processo do curso, EEEF. Dr. Alcides Marques, EMEF Manoel Pereira Vargas e EMEI Eloiza Timm. Agradeço pela compreensão, pelo apoio e pela parceria, algo que auxiliou, mesmo que de forma indireta, a minha permanência e conclusão do curso.

Agradeço à nossa turma (2019), com quem caminhei a passos lentos e serenos, com quem dividi aulas, trabalhos, sentimentos e viagens, e a quem desejo infinitas possibilidades de percursos, pois sei da capacidade caminhante de cada uma e de cada um. Foi um verdadeiro prazer estar com vocês!

A Universidade Federal do Pampa e a todas as pessoas que ajudaram a forjar a sua existência, manutenção, organização e continuidade. Sei que foram diversas mãos e sei que ainda precisamos de muitas mais para que a nossa UNIPAMPA se fortaleça e permaneça fazendo a diferença na vida de tantas pessoas, assim como fez e faz na minha. Serei uma eterna apoiadora dessa instituição e agradeço sempre por tudo que vivi graças a ela.

Ao curso de Gestão em Tecnologia do Turismo, por ser promotor de produção e disseminação de conhecimentos que vêm para ser alavanque de uma sociedade mais justa e equitativa. E nada disso seria possível se não houvesse um grupo potente de educadoras e educadores, dentre os quais nomeio a quem tive a oportunidade de ser aluna: Adriana Pisoni da Silva (*in memoriam*), Alan Dutra de Melo, Alessandra Buriol Farinha, Alexandre Caldeirão Carvalho, Alice Leoti, Ângela Mara Bento Ribeiro, Cristina Pureza Duarte Boessio, Francielle de Lima, Juliana Rose Jasper, Larissa Bitar Duarte, Marcela Ferreira Marinho, Marilú Angela Campagner, Natali Braga Spohr e Patrícia Schneider Severo. Agradeço pelo trabalho de vocês, pois ele contribuiu para a consolidação desta pesquisa.

Agradeço à banca examinadora, composta pelas brilhantes professoras Cristina Boéssio e Letícia Ferreira. Obrigada por aceitarem o convite para participar deste momento tão importante, contribuindo com suas valiosas observações e

reflexões que certamente irão melhorar a pesquisa. Agradeço pela presença de sabedoria e respeito que vocês imprimem em tudo o que fazem.

Ao movimento estudantil EPAED, que é responsável por trazer aprendizagens que uma sala de aula, por melhor que seja, jamais poderá oferecer. Ainda que eu, agora uma trabalhadora formal e estudante, não tenha conseguido estar presente como outrora estive, tenho imensa honra de ver estudantes se organizando em prol de pautas coletivas e demonstrando o real propósito da humanidade, que é amar, respeitar e ajudar as pessoas. Não é fácil equilibrar tantas tarefas que temos no cotidiano, quem escolhe participar ativamente da política que envolve a universidade é porque realmente tem profundos desejos de melhorar o lugar que habita. Estamos de passagem, não só na vida como na universidade, mas tudo que pleiteamos e, mais tarde, conquistamos, ficará para aquelas que um dia virão. Reconheço, agradeço e parabenizo a quem constrói o Movimento Estudantil da Unipampa. Vida longa ao ME!

Não há como pensar a vida sem a ancestralidade que nos historiciza. Tenho raras fotografias de gente mais próxima, portanto, não conheço seus rostos. Também sei pouquíssimas histórias de suas vidas; mas, ainda que saiba uma reduzida parte do que viveram, tenho muito a agradecer às minhas antepassadas e aos meus antepassados. De alguma maneira, estamos alinhadas pelos fios que formatam nossos sonhos, e tenho convicção de que há uma energia latente me orientando a seguir em frente, porque esses sonhos não são só meus.

À família, amigas, amigos, instituições, atividades culturais e políticas, músicas, poesias, passeatas, viagens, trabalho, a tudo que toquei e que me tocou, agradeço pela ajuda na formação da impermanente pessoa que sou.

À Mãe Terra, que nos nutre, nos acalma, nos protege, nos encanta, nos dá a vida e nos orienta a alcançar o sentido dela. És fonte de ampla sabedoria e exemplo de bem-viver. Agradeço pelos ensinamentos relacionados ao tempo, ao clima, à gestação, à colheita e a tudo que envolve a transcendental filosofia da natureza. Obrigada, mãezinha.

“O artesanato te dá uma autoconfiança. Porque tu tem o dinheiro, já dá uma autoestima, já é teu, tu não pediu para ninguém”.

Cenilza Dreckmann (artesã).

## RESUMO

Esta pesquisa foca nas histórias de vida das artesãs associadas à Casa da Economia Solidária, localizada em Jaguarão, Rio Grande do Sul — cidade brasileira que faz fronteira com Rio Branco, no Uruguai. O objetivo é identificar o protagonismo e a solidariedade na geração de renda, associando o trabalho artesanal à sua potencialidade no campo turístico. A investigação segue uma abordagem qualitativa, adotando a História Oral (Alberti, 2005) como metodologia central. A coleta de dados incluiu entrevistas e registros em diário de campo. Para fundamentar a análise, foram utilizados referenciais teóricos voltados para a História das Mulheres (Perrot, 1988; Soihet, 2007), a Economia Solidária (Singer, 2002; Tauile; Rodrigues, 2004; Medeiros *et al.* 2017) e Turismo (Oliveira, 2007; Filho, 2002; Minasi *et al.*, 2022). Os resultados indicam um impacto positivo do artesanato como meio de trabalho na vida das artesãs, que relataram ganhos significativos em termos de autonomia e qualidade de vida após sua integração à Casa da Economia Solidária. Além disso, ao longo da pesquisa, destacou-se a importância do Turismo no fortalecimento da Economia Solidária, pois ele contribui para a valorização do artesanato e para o aumento da geração de renda no município.

**Palavras-chave:** Mulheres artesãs; Trabalho; Economia Solidária; Jaguarão/RS.

## RESUMEN

Esta investigación se centra en las historias de vida de las artesanas asociadas a la Casa de la Economía Solidaria, ubicada en Jaguarão, Río Grande del Sur, una ciudad brasileña que hace frontera con Río Branco, en Uruguay. El objetivo es identificar el protagonismo y la solidaridad en la generación de ingresos, asociando el trabajo artesanal con su potencialidad en el ámbito turístico. La investigación adopta un enfoque cualitativo, utilizando la Historia Oral (Alberti, 2005) como metodología central. La recolección de datos incluyó entrevistas y registros en un diario de campo. Para fundamentar el análisis, se emplearon referentes teóricos enfocados en la Historia de las Mujeres (Perrot, 1988; Soihet, 2007), la Economía Solidaria (Singer, 2002; Tauile; Rodrigues, 2004; Medeiros et al. 2017) y el Turismo (Oliveira, 2007; Filho, 2002; Minasi et al., 2022). Los resultados indican un impacto positivo del trabajo artesanal en la vida de las artesanas, quienes reportaron mejoras significativas en términos de autonomía y calidad de vida tras su integración a la Casa de la Economía Solidaria. Además, a lo largo de la investigación, se destacó la importancia del Turismo en el fortalecimiento de la Economía Solidaria, ya que contribuye a la valorización del trabajo artesanal y al aumento de la generación de ingresos en el municipio.

**Palabras clave:** Mujeres artesanas; Trabajo; Economía Solidaria; Jaguarão/RS.

**LISTA DE SIGLAS**

|          |  |
|----------|--|
| APL      | Produção de arranjos locais  |
| CadSol   | Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicos solidários           |
| COMTUR   | Conselho Municipal de Turismo de Jaguarão                            |
| ECOSOL   | Economia Solidária   |
| EES      | Empreendimento Econômico solidário                                   |
| FALA     | Feira Alternativa de Literatura e Artes da Fronteira                 |
| FBES     | Fórum Brasileiro de Economia Solidária                               |
| HO       | História Oral  |
| IBGE     | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                      |
| IPHAN    | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional               |
| MERCOSUL | Mercado Comum do Sul   |
| RS       | Rio Grande do Sul  |
| SEBRAE   | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas             |
| SEISP    | Secretaria Nacional de Inclusão Social e Produtiva                   |
| SENAES   | Secretaria Nacional de Economia Solidária                            |
| UFPEL    | Universidade Federal de Pelotas                                      |
| UNESCO   | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |
| UNIPAMPA | Universidade Federal do Pampa  |

**LISTA DE QUADROS**

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 – Participantes da pesquisa - Jaguarão - Julho/2022 ..... | 23 |
| Quadro 2 – Integrantes da Casa ECOSOL - Julho/2022.....            | 60 |

**LISTA DE FIGURAS**

|   |    |
|---|----|
| Figura 1: Mapa do Brasil com enfoque na localização de Jaguarão .....       | 25 |
| Figura 2: Ponte Internacional Mauá e a fronteira Jaguarão e Rio Branco..... | 26 |
| Figura 3: Cenilza Dreckmann .....   | 48 |
| Figura 4: Joceli Nunes Tardis .....   | 49 |
| Figura 5: Marilza Madeira .....   | 50 |
| Figura 6: Rosangela Garcia .....  | 51 |
| Figura 7: Roseli Calvetti .....   | 52 |
| Figura 8: Yasmin Centeno .....  | 54 |
| Figura 9: Taiane Alanis Born .....  | 55 |
| Figura 10: Cartaz de uma Feiras de Economia Popular e solidária .....       | 57 |
| Figura 11: Círculo operário de Jaguarão .....                               | 58 |
| Figura 12: Entrada da Casa Ecosol no Círculo Operário.....                  | 58 |
| Figura 13: Fachada do prédio atual .....                                    | 59 |
| Figura 14: A ECOSOL por dentro.....   | 59 |
| Figura 15: Mostra artesanal no Jaguararte 2024 .....                        | 61 |
| Figura 16: Artesanatos com a temática da cidade .....                       | 68 |
| Figura 17: Brindes para evento da UNIPAMPA .....                            | 71 |
| Figura 18: Visita do CECAR (FALA 2022) .....                                | 72 |
| Figura 19: Visita da EMEF Ceni S. Dias (FALA 2024) .....                    | 72 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 17 |
| <b>CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....  | 22 |
| <b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....  | 25 |
| 1.1 JAGUARÃO: O LOCAL DA PESQUISA .....  | 25 |
| 1.2. AS MULHERES NA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DAS MULHERES .....                                     | 29 |
| 1.2.1 História das mulheres em Jaguarão/RS .....   | 33 |
| <b>2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA</b> .....  | 35 |
| 2.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA .....   | 36 |
| 2.2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA, O TURISMO E O PROTAGONISMO DAS<br>MULHERES .....                       | 40 |
| 2.3 O <i>SOUVENIR</i> TURÍSTICO E O TOQUE DAS MULHERES .....                                     | 44 |
| <b>3 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS: AS<br/>MULHERES DA CASA ECOSOL</b> ..... | 46 |
| 3.1 APRESENTAÇÃO DAS INTEGRANTES .....   | 47 |
| 3.1.1 Cenilza Dreckmann .....  | 48 |
| 3.1.2 Joceli Nunes Tardis .....  | 49 |
| 3.1.3 Marilza Madeira .....  | 50 |
| 3.1.4 Rosangela Garcia .....   | 51 |
| 3.1.5 Roseli Calveti .....   | 52 |
| 3.1.6 Yasmin Centeno .....   | 54 |
| 3.1.7 Taiane Alanis Born .....   | 55 |
| 3.2 EMPREENDEDORISMO FEMININO: CRIAÇÃO E GESTÃO DA CASA<br>ECOSOL EM JAGUARÃO .....              | 56 |
| 3.3 CONTRIBUIÇÃO NO ÂMBITO DO TURISMO.....   | 67 |
| 3.4 RESISTÊNCIAS E LUTAS: O QUE A ECOSOL REPRESENTA NA VIDA<br>DAS MULHERES DA CASA?.....        | 77 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....  | 83 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 88 |
| <b>ANEXOS</b> .....  | 94 |

## INTRODUÇÃO

Com o objetivo de identificar o protagonismo e a solidariedade na geração de renda, associando o trabalho artesanal à sua potencialidade no campo turístico, esta pesquisa analisa, por meio de entrevistas, as histórias de vida das artesãs vinculadas à Casa da Economia Solidária de Jaguarão/RS. É importante destacar que o estudo foi iniciado em 2022, sofreu uma interrupção e foi retomado no segundo semestre de 2024. Essa informação é relevante desde já, pois ao longo do texto aparecem referências a ambas as datas, refletindo o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida.

Sair de casa, estudar, construir formas de sustento e receber por seu trabalho são atividades que, ao longo da História, sempre fizeram parte da rotina masculina. No entanto, a história das mulheres revela uma trajetória diferente. A sociedade foi marcada por uma dicotomia entre as esferas pública e privada. Aos homens, era atribuída a esfera pública, com o papel de provedores da família, enquanto às mulheres cabia a esfera privada, dedicada ao cuidado doméstico e reprodutivo, tarefas realizadas de forma gratuita e consideradas sua função social exclusiva (Saffioti, 2004). Esse sistema começou a se fragilizar diante das transformações socioeconômicas e dos movimentos feministas do século XX.

No entanto, é importante destacar que as mulheres negras, historicamente, enfrentaram uma realidade diferente. Desde o período escravista e ao longo de muitas décadas, estiveram inseridas no trabalho remunerado, ainda que em condições de extrema exploração. Essa inserção se deu não como uma escolha, mas como uma imposição, pois, diferentemente das mulheres brancas, muitas não tiveram o privilégio de permanecer restritas ao espaço doméstico. Elas assumiram papéis produtivos e reprodutivos simultaneamente, desempenhando funções que sustentavam tanto suas famílias quanto a economia da sociedade escravocrata e pós-escravocrata.

Ainda assim, o papel socialmente aceito e reivindicado para as mulheres no mundo patriarcal esteve voltado, fundamentalmente, para os cuidados com a casa e a família. No entanto, em determinados momentos, tornou-se necessária sua inserção no trabalho fora do lar, “à medida em que as transformações sociais e os acontecimentos políticos, como a Primeira Guerra Mundial, forçaram a entrada cada vez maior das mulheres no mundo público” (Rago, 1995-1996, p. 22). A Primeira

Guerra Mundial, aliada ao processo de industrialização, gerou profundas mudanças socioeconômicas, ampliando a demanda por mão de obra. Isso levou a uma maior presença feminina no mercado de trabalho assalariado, acumulando-se aos trabalhos não remunerados realizados no ambiente doméstico.

Os movimentos feministas, ao longo dos séculos, têm liderado intensas lutas por transformações no que se entende como o papel social das mulheres. Esses movimentos ganharam destaque ao promover mudanças culturais e, no âmbito legislativo, assegurar direitos políticos, trabalhistas, maternos, estudantis, entre outros. As mulheres têm construído formas de resistência em busca de trabalho digno e saudável. No entanto, ainda enfrentam desafios, como a persistente desigualdade socioeconômica, que se reflete nas oportunidades, nas condições de vida e, especialmente, nas disparidades salariais. Nesse contexto, a Economia Solidária — doravante referida como ECOSOL — se destaca como uma alternativa significativa para mulheres se encontrarem e reinventarem no mundo do trabalho.

Nesse sentido, o Turismo se destaca como uma importante ferramenta para potencializar a comercialização dos itens confeccionados por essas mulheres, ampliando sua visibilidade e geração de renda. Ao integrar o Turismo à ECOSOL, as mulheres não apenas fortalecem suas atividades econômicas, mas também reafirmam suas identidades culturais, utilizando o espaço turístico como uma vitrine para seus produtos artesanais.

Segundo Medeiros (2017), “o turismo, enquanto atividade econômica, pode se utilizar dessas práticas econômico-solidárias como forma de inserir a comunidade local nos benefícios advindos do turismo” (Medeiros, 2017, p. 45). Essa interação entre Turismo e ECOSOL cria oportunidade de venda artesanal tanto no mercado local, quanto para novos públicos, gerando renda e também reconhecimento e valorização cultural. De acordo com o estudo sobre as cooperativas de artesanato no Roteiro Seridó, localizada na Mesorregião Central do Rio Grande do Norte, a presença de turistas eleva a demanda pelos produtos artesanais, o que contribui para o empoderamento das mulheres envolvidas, permitindo-lhes “maior autonomia econômica e social” (Silva *et al.*, 2019).

Assim, ao combinar ECOSOL com o potencial do Turismo, essas mulheres conseguem transformar desafios em oportunidades, fortalecendo suas trajetórias de superação e autonomia. O Turismo, portanto, não é apenas uma fonte de lucro, mas também um catalisador de transformações sociais, permitindo que mulheres

historicamente marginalizadas se tornem protagonistas de suas histórias e agentes do desenvolvimento sustentável em suas comunidades.

A ECOSOL trabalha sob os princípios do cooperativismo e da autogestão. A nível internacional, é fruto de lutas históricas protagonizadas por trabalhadoras e trabalhadores. Em meados do início do século XIX, as pessoas passaram a se organizar através do cooperativismo e da associação, usando de tais meios para fazer frente ao capitalismo industrial. Já no Brasil, essa nova forma de compreender a economia, tem seu fortalecimento no final do século XX, vindo na contramão da exclusão e da exploração das trabalhadoras e trabalhadores inseridos no mundo do trabalho (Tauile; Rodrigues, 2004).

Quando a ECOSOL se associa ao Turismo, aparece sob o eixo comunitário, ou seja, atividade que coloca nas mãos da própria comunidade local a tarefa de gerar e gerir o Turismo (Sampaio, 2008). A produção de arranjos locais (APL)<sup>1</sup> vincula o trabalho a uma lógica cooperativista, ultrapassando o modelo industrial incentivado na sociedade capitalista. Essa prática auxilia a inclusão social, contribuindo para garantir a preservação e valorização dos patrimônios, representando, assim, uma estratégia de desenvolvimento social, cultural e econômico para os municípios.

Em Jaguarão, município situado no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil, fronteira com Rio Branco/Uruguay – contexto onde a pesquisa se insere – a atividade turística predominante é o segmento de Turismo de compras, realizado essencialmente nos *free shops*<sup>2</sup> uruguaios. Quando a/o turista vem, geralmente utiliza a infraestrutura de hospedagem e alimentação em Jaguarão, e mesmo assim, se há desejo por levar lembrancinhas da viagem, encontrará poucos estabelecimentos para a compra de *souvenirs* locais. Um dos locais é a Casa do Artesão, situada em uma das salas do Mercado Público Municipal, próximo ao Rio Jaguarão. O outro é a Casa da ECOSOL, que, inicialmente, estava localizada na rua Marechal Deodoro, número 377. Em outubro de 2023, seu endereço foi alterado para a rua Andrade Neves, número 763.

---

<sup>1</sup> De acordo com o site do Governo Federal, as APLs são aglomerações de empresas e empreendimentos, localizados em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva, algum tipo de governança e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa. Mais informações em: [encurtador.com.br/knxZ4](http://encurtador.com.br/knxZ4). Acesso em 17 jul. 2022.

<sup>2</sup> Lojas que comercializam produtos importados isentos de impostos.

Diante dessa temática tão pujante na contemporaneidade, a pesquisa se justifica por trazer para a academia as vozes de artesãs jaguarenses que narram experiências que, vão desde a criação de um espaço em que são colocados em prática os valores da economia solidária, até a consolidação delas enquanto trabalhadoras que aglutinam em suas rotinas diversas outras jornadas de trabalho. Estas, que muitas vezes não recebem o devido reconhecimento, contribuem dia após dia, pelo exercício de seu trabalho – no público e no privado – com o desenvolvimento da cidade, da fronteira, do país e do mundo.

O meu interesse em trabalhar com as artesãs também surge de um envolvimento com as lutas das mulheres, que teve início durante a minha primeira graduação, no curso de Licenciatura em História na UNIPAMPA. Naquele momento, especificamente em 2013, construí com outras companheiras o *Coletivo Margaridas*<sup>3</sup> - *Mulheres feministas radicais, antirracistas e anticapitalistas de Jaguarão/RS*, o qual desempenhou papel importante de apoio<sup>4</sup> às mulheres dentro e fora da universidade. Através dessa organização, compreendi o quão primordial era enfrentar coletivamente o machismo: ser mulher na sociedade exige de nós constante vigilância, pois nossas vozes eram/são continuamente colocadas em descrédito.

Meu trabalho de conclusão desse curso<sup>5</sup> também estabeleceu contato com o mundo das mulheres trabalhadoras. Na época, pesquisei a memória e a história de duas mulheres empregadas de estabelecimentos formais da cidade entre 1950 e 1960. A partir das entrevistas concebidas junto a Emília e Francisca (nomes fictícios), pude aguçar o desejo por conhecer, compreender, apreender e mostrar ao mundo o quanto as mulheres têm a dizer, têm a ensinar, têm a compartilhar.

---

<sup>3</sup> O nome do grupo homenageia Margarida Maria Alves (1933 - 1983), camponesa paraibana e uma das primeiras mulheres a liderar um sindicato no Brasil. Foi assassinada a mando de latifundiários na porta de sua casa na frente de seu marido e filho. Sua luta foi e é reconhecida no meio camponês, inclusive houve a criação da Marcha das Margaridas, movimento no qual impulsiona mulheres do país inteiro a ir até Brasília manifestar suas reivindicações em prol dos direitos humanos. Mais informações em: FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **A trajetória político-educativa de Margarida Maria Alves: entre o velho e o novo sindicalismo rural**. João Pessoa/PR. 2010. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4922?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4922?locale=pt_BR). Acesso em: 17 jul. .2022. Além disso, compartilho a página do facebook do grupo para eventuais consultas: <https://www.facebook.com/ColetivoMargaridas>. Acesso em: 17 jul. .2024.

<sup>4</sup> Esse apoio se concretizava por meio de diversas ações, como a organização de grupos de estudo, aulas de autodefesa feminina, reivindicação e conquista do auxílio-creche na Unipampa, além de rodas de conversa que abordavam temas sensíveis e comuns às mulheres. Também participávamos ativamente na organização de eventos como as Marchas Binacionais de Mulheres e as Semanas da Consciência Negra. Paralelamente, acolhíamos mulheres vítimas de violência doméstica, oferecendo suporte e acompanhando-as no processo de formalização de denúncias.

<sup>5</sup> Sob orientação de Profa. Dra. Cássia Silveira.

Certamente, esta atual pesquisa virá para reafirmar aquilo que já sabemos: nossas vozes valem muito!

Anos mais tarde, junto ao Curso de Tecnologia em Gestão do Turismo, no componente curricular de Práticas Profissionais em Gestão de Turismo<sup>6</sup>, optei por realizar a pesquisa com a Casa da ECOSOL. Para isso, me propus a conversar com as mulheres da casa e com a UNIPAMPA, a fim de buscar que a universidade firmasse o acordo de cooperação, para que assim eu pudesse fazer o estágio lá, e assim foi feito. As práticas foram iniciadas, participei da exposição dos artesanatos durante três dias no evento Motofest em 2020, ocorrido nos dias finais de janeiro. No entanto, por estar envolvida com a organização do carnaval, foi necessário interromper o estágio. Entretanto, o desejo de trabalhar com mulheres e ECOSOL permaneceu latente.

Com base nessas considerações, é possível conjecturar, para além do trabalho em si, o papel relevante dessas mulheres para a História da cidade. Evidencia-se ainda a contribuição das mulheres artesãs para o Turismo, já que, como dito, elas recebem e conversam com as pessoas que visitam a cidade, turistas que vão em busca de histórias, de conhecimentos, aprendizagens e também de *souvenirs*<sup>7</sup>, muitas vezes priorizando os que foram construídos pelas mãos de gente dessa terra. Sendo assim, esta pesquisa procura contribuir com os estudos que articulam a temática História das mulheres (Perrot, 2007; Pinsky, 2007; Silva, 2008; Rago, 1995), Economia solidária (Singer; 2002, Sampaio, 2008; Tauile; Rodrigues, 2004) e Turismo (Medeiros *et al*; 2017; Oliveira, 2007; Filho, 2002; Minasi *et al*, 2022).

Dessa forma, a questão que orienta esta pesquisa é: de que maneira as mulheres jaguarenses estruturam sua organização para alcançar conquistas no âmbito do trabalho na Casa da ECOSOL e como essa organização se relaciona com a perspectiva do Turismo em Jaguarão?

O objetivo central deste estudo é analisar como se desenvolve o protagonismo e a solidariedade na geração de renda na Casa da ECOSOL, associando o trabalho artesanal à sua potencialidade no campo turístico. Com isso, destacam-se os seguintes objetivos específicos:

---

<sup>6</sup> Sob orientação da Profa. Ma. Natali Braga Spohr.

<sup>7</sup> A palavra *souvenir* significa "memória" ou "lembrança". Assim, um *souvenir* é um objeto que resgata memórias de um determinado lugar, servindo como uma forma tangível de recordar uma experiência vivida.

- Apresentar um histórico da constituição da Casa da ECOSOL;
- Identificar quais são desafios e conquistas do grupo de mulheres junto à consolidação da ECOSOL em suas vidas;
- Demonstrar a importância do Turismo local e do trabalho das mulheres representado nos *souvenirs* comercializados para turistas.
- Analisar de que forma a gestão da Casa da ECOSOL contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional das artesãs.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Em relação aos caminhos metodológicos, essa é uma pesquisa que se caracteriza como exploratória e que se insere nas abordagens de caráter qualitativo, sobretudo por buscar compreender “[...] o mundo dos sujeitos, os significados que atribuem às suas experiências cotidianas, sua linguagem, suas produções culturais e suas formas de interações sociais” (André, 2005, p. 47). O procedimento metodológico será a História oral (Alberti, 2005), sendo a coleta de dados realizada a partir de entrevistas e diário de campo.

O século XX trouxe consigo diversas mudanças paradigmáticas e rupturas conceituais no campo acadêmico, dentre elas a inserção de metodologias outrora negadas para o fazer científico, como é o caso da história oral (Nóvoa, 1995). A oralidade, nas últimas décadas, tem sido reivindicada por ser uma das formas de oportunizar a escuta das vozes de grupos sociais e camadas populares invisibilizadas historicamente. A história oral passou a ser utilizada em pesquisas que abordam temas do tempo presente, relatos de algo que tenha ocorrido dentro de um passado próximo, em que a memória tenha um alcance possível para que, assim, possa ser revisitada por pessoas que tenham vivido a experiência em si ou que possam ser testemunhas dessa experiência, de modo a contribuir com as investigações de determinado assunto (Alberti, 2005).

A História oral pode ter várias faces. De acordo com a historiadora Alberti (2005), pode ser utilizada “como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados” (Alberti, 2005, p.17). Como se vê, essa metodologia não possui uma única forma de ser gestada, ela pode ser tanto um método como uma técnica de obtenção de dados para a pesquisa. Para Meihy (2002), há três tipos, sendo estes:

Histórias de vida, História Temática e Tradição Oral. Neste projeto, o enfoque será dado às Histórias de vida. São estas histórias, elaboradas pelas participantes, que nos levaram a compreender suas vivências no âmbito de seu trabalho e das suas vidas em outras esferas.

As entrevistas foram semi-estruturadas, definida por Triviños (1987, p. 146) como:

[...] aquela que parte de certos conhecimentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta forma, o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar do conteúdo de pesquisa.

À vista disso, o método foi viabilizado por entrevistas com roteiro previamente planejado, porém aberto a adaptações. As questões cuidadosamente planejadas, serviram como meio de alcançar os objetivos propostos. Essa forma de entrevista foi escolhida por seu caráter flexível, algo que permite a abertura para surgimento de outras questões, assim como permite oferecer momentos mais confortáveis às participantes. O quadro abaixo nos traz informações sobre elas:

**Quadro 1 – Participantes da pesquisa - Jaguarão - Julho/2022**

| <b>Nome completo</b>           | <b>Data de Nascimento/<br/>Naturalidade</b> | <b>Tempo de trabalho na<br/>ECOSOL</b> |
|--------------------------------|---|--|
| Yasmim Fagundes Centeno        | 11/11/1991<br>Jaguarão                      | 4 anos                                 |
| Taiane Alanis Born             | 06/01/1980<br>Jaguarão                      | 6 anos                                 |
| Cenilza Cardoso Rodrigues Neto | 08/06/1971<br>Jaguarão                      | 6 anos                                 |
| Roseli Calvetti                | 23/05/1963<br>Jaguarão                      | 6 anos                                 |
| Marilza Madeira                | 20/03/1972<br>Jaguarão                      | 4 anos                                 |
| Rosangela Garcia               | 12/07/19/67<br>Jaguarão                     | 3 anos                                 |
| Joceli Nunes Tardis            | 25/09/1962<br>Jaguarão                      | 4 anos                                 |

Fonte: Elaboração própria.

O critério de seleção das entrevistadas foi o fator geracional, a intenção foi ouvir mulheres com diferentes idades, assim, foram selecionadas sete artesãs, interessadas e disponíveis em participar da pesquisa. As trabalhadoras que têm centralidade neste trabalho, fazem atividades direcionadas ao artesanato, têm entre 30 e 60 anos, são mães, moradoras da Jaguarão/RS, todas trabalham em seus lares e o trabalho na Casa da ECOSOL auxilia no sustento da família.

Quatro entrevistas foram realizadas na Casa Ecosol, uma delas foi na EEEF. Dr. Alcides Marques (meu local de trabalho, na época em que realizei as entrevistas) e duas delas foram por meio do *Whatsapp*. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para servir à análise histórica, após concordância e autorização assinada pelas entrevistadas. A coleta de dados ocorreu no mês de julho de 2022, com uma última realizada em outubro de 2024. Todas as mulheres entrevistadas concederam autorização para a publicação de seus nomes na presente pesquisa.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos, seguidos por uma seção de considerações finais. No primeiro capítulo, foi feita uma breve contextualização do histórico de Jaguarão, município onde se desenvolve a pesquisa, e da História das Mulheres, abordando as disputas históricas das mulheres até que pudessem ter *uma história* em que elas fossem as protagonistas.

O segundo capítulo é um diálogo para apresentar o que a literatura traz sobre os conceitos de ECOSOL, *Souvenir* e Turismo. Articulando esses três temas, conseguimos criar bases para compreender a importância do trabalho desempenhado pelas mulheres desta pesquisa, assim como projetar reflexões que nos levam a vislumbrar caminhos para a consolidação deste trabalho como possível atrativo turístico.

Já o terceiro capítulo traz a apresentação e análise das entrevistas realizadas junto às mulheres que tecem fazeres e saberes na Casa ECOSOL, articulando suas formas de autonomia e protagonismo no trabalho que exercem e a relevância de seu trabalho como fonte de renda e como uma representação cultural de Jaguarão, na forma de um *souvenir* que contribui também na qualificação dos produtos e serviços turísticos da cidade.

Nas considerações finais, foram retomados os objetivos propostos pela pesquisa, reunindo as principais reflexões geradas ao longo do seu desenvolvimento. Também serão abordadas as dificuldades encontradas durante o

processo e apresentadas sugestões de alternativas que possam contribuir para o fortalecimento e fomento das atividades de artesanato em Jaguarão.

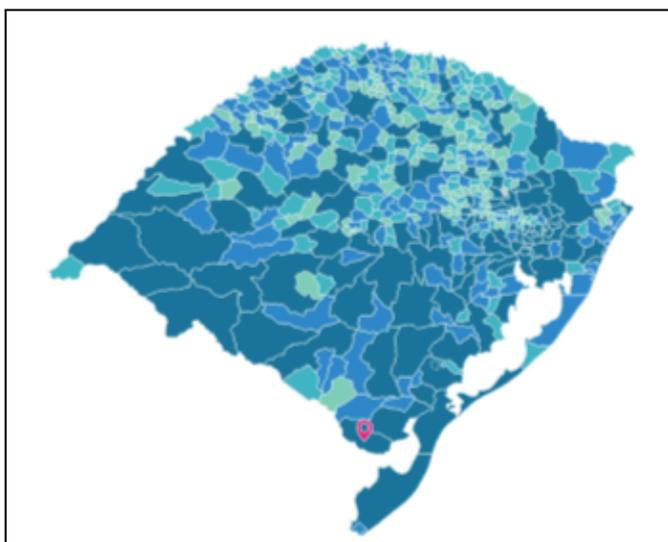
## CONTEXTUALIZAÇÃO

Esta seção se divide em dois momentos. O primeiro busca apresentar o surgimento e o desenvolvimento do município de Jaguarão, descrevendo o contexto que o levou a ser reconhecido<sup>8</sup> como uma Cidade Histórica pelo IPHAN no ano de 2011. Em seguida, apresenta parte do que a literatura traz sobre a História das Mulheres, onde será possível refletir sobre a posição histórica delas na sociedade e, conseqüentemente, no campo do trabalho. Traz também, em linhas gerais, algumas pesquisas que foram desenvolvidas sobre a temática em Jaguarão.

### 1.1 JAGUARÃO: O LOCAL DA PESQUISA

Jaguarão é uma cidade brasileira, localizada na microrregião da zona sul do estado do Rio Grande do Sul a 380 km de Porto Alegre, situada na divisa com a República Oriental do Uruguai. Na Figura 1, observa-se o mapa do estado do Rio Grande do Sul e a localização de Jaguarão.

Figura 1: Mapa do Brasil com enfoque na localização de Jaguarão



**Fonte:** IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguarao/panorama>. Acesso em: 14 nov. 2024.

---

<sup>8</sup> Jaguarão possui o maior conjunto histórico e paisagístico conservado do Rio Grande do Sul, tendo sido esta principal motivação para receber o título de Cidade Histórica pelo IPHAN. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/266>

O nome da cidade faz referência a uma antiga lenda indígena. A lenda do Jaguar, ou também conhecida como *Jaguaru*, conta que este seria um animal que possuiria corpo de lobo marinho, dentes e patas como as de um tigre, e que se alimentaria de pulmões de animais e pessoas, abrigando-se às margens do rio que passou a ser chamado de Jaguarão (Cechin, 1979).

Por estar numa região de fronteira, Martins (2001) aborda que a posição geográfica que a cidade tem foi, e permanece sendo, um elemento que influencia todos os momentos de seu desenvolvimento, estando submetida às flutuações econômicas, sociais e políticas que se processavam no país vizinho (Martins, 2001). Ou seja, todas as relações humanas se dão dentro da dinâmica da fronteira, em/com/pelo contato junto à cultura de nossas/os *hermanas* uruguaias. Quem nasce na fronteira percebe desde criança a transição e a integração entre dois mundos, ora tão diferentes, ora tão parecidos.

O Rio Jaguarão, também conhecido como Río Yaguarón, desempenha um papel central na conexão entre o Brasil e o Uruguai, simbolizando a união das cidades fronteiriças de Jaguarão (no Brasil) e Rio Branco (no Uruguai). Na Figura 2, é possível visualizar a Ponte Internacional Mauá, o rio e as cidades vizinhas:

Figura 2: Ponte Internacional Mauá e a fronteira Jaguarão e Rio Branco - Primeiro bem reconhecido pelo IPHAN como Patrimônio Cultural do MERCOSUL



**Fonte:** Portal IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/393/>. Acesso em: 21 de fev 2024.

Este rio tem sua nascente próxima à cidade de Bagé, no estado do Rio Grande do Sul, e segue seu curso até desaguar na Lagoa Mirim, localizada em território uruguaio. Além de ser uma importante fonte de recursos naturais, o rio tem

um forte valor cultural e histórico, pois há séculos serve como ponto de encontro e integração entre as duas nações, fortalecendo as relações de convivência e intercâmbio entre os habitantes de ambos os lados da fronteira.

O território de Jaguarão é composto por um distrito sede e quatro distritos rurais, contando com uma população estimada de 27.406 habitantes, dados do último censo do IBGE - 2024<sup>9</sup>. A economia local está ligada na pecuária, principalmente de rebanhos bovino e ovino, na agricultura, com foco na cultura do arroz, e no setor de serviços (Costa, 2011).

De acordo com Serres e Jasper (2015, p. 333), a cidade viveu um período de ascensão econômica até as últimas décadas do século XIX, sendo que isso ajudou a cidade a herdar uma arquitetura imponente. Enquanto a pecuária e as charqueadas estavam em alta, foi possível aplicar o excedente de capital para construção de suntuosos casarões de estilo eclético. Com a decadência da atividade que gerava altos lucros, a cidade se viu com menos potencial econômico para renovar os prédios, situação esta que se coloca como fator que auxiliou a manter uma generosa parte dos patrimônios preservados (Serres; Jasper, 2015; Bôas, 2021).

A preocupação com o patrimônio arquitetônico, a nível institucional, vem ocorrendo sobretudo desde 1982, quando a Prefeitura de Jaguarão, o IPHAN e a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pelotas reuniram-se para criar o Projeto Jaguar. De acordo com o pesquisador Bôas (2021), o projeto citado anteriormente, indicava a preservação do patrimônio para fins de Turismo, nas palavras do autor: “as propostas do Projeto Jaguar estavam baseadas no desenvolvimento econômico através do turismo por meio da manutenção de seu patrimônio edificado [...]” (Bôas, 2021, p. 198). Vemos que há uma atenção latente sobre os patrimônios de Jaguarão, pois, através da salvaguarda destes, é possível a construção e reconstrução de histórias e memórias, assim como desenvolver educação, cultura e Turismo na comunidade.

Na última década, o município passou por um processo de patrimonialização, quando foram tombados mais de 800 prédios históricos, dando a Jaguarão, de acordo com o IPHAN, a categoria de Cidade Histórica com maior número de patrimônios em estado de conservação do Rio Grande do Sul. Inclusive, junto a esses prédios históricos, encontra-se o Círculo Operário, localizado ao centro da

---

<sup>9</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguarao/panorama>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

cidade na Rua Marechal Deodoro, número 377. É em uma de suas salas que funcionou, até outubro de 2023, a Casa da Economia Solidária.

Todavia, o reconhecimento de uma cidade vai além de seus patrimônios tangíveis. Jaguarão também é rica em elementos culturais imateriais, como suas lendas, o artesanato em jacquard, as guasquerias, e celebrações/eventos como a Festa de São Jorge, o Carnaval, o Motofest, o Jaguararte, Feira Alternativa de Literatura e Artes da Fronteira – FALA, a Ciclofest, etc. Todas essas manifestações culturais têm potencial para serem preservadas e valorizadas por meio de tombamentos específicos. No entanto, para que isso seja viabilizado, é imprescindível a colaboração ativa da comunidade local, de modo que ela compreenda a relevância desses bens intangíveis e participe no esforço de preservá-los.

Em 2003, Jaguarão cria a Lei nº 4128<sup>10</sup>, que institui o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR): “com o objetivo de estudar, discutir, sugerir e implementar as atividades propostas quanto à política do turismo local, observada a orientação dos organismos estadual e federal que comandam o turismo no País.”(JAGUARÃO, 2003). Assim, evidencia-se a busca, da comunidade e dos órgãos públicos, por um espaço institucional que não apenas apoie as iniciativas voltadas à área de Turismo, mas também alinhe essas ações com as diretrizes e práticas já desenvolvidas em âmbito nacional. O COMTUR desempenha um papel estratégico na formulação de políticas públicas que visam promover Jaguarão como destino turístico, reconhecendo o potencial histórico, cultural e natural do município.

Nesse sentido, percebe-se que o fomento ao Turismo vem sendo considerado como aliado para desenvolver a cidade. Não por acaso, é em Jaguarão que está inserido o curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, ofertado pela UNIPAMPA, e que tem sido meio de promoção de ensino, pesquisa e extensão, bem como formação da classe trabalhadora da cidade, da região e de várias localidades do país e da América Latina. Portanto, nesse cenário, convém refletir sobre o valor turístico e educativo gerado a partir desses patrimônios.

Os patrimônios, bens que reforçam a memória e a identidade coletiva, se revelam tanto no âmbito material, como no imaterial. Bens materiais, de acordo com

---

<sup>10</sup> A lei completa encontra-se disponível neste link: <https://www.camarajaguarao.rs.gov.br/proposicoes/Lei-ordinaria/2003/3/0/1511>. Acesso em 20 nov.2023.

o IPHAN (2014), são imóveis como os das cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos, etc<sup>11</sup>. Já os bens imateriais se configuram por práticas sociais manifestadas em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão e nos lugares<sup>12</sup>.

O artesanato, apesar de sua confecção resultar em um produto material, ocupa a categoria de bem imaterial por se estabelecer através de técnicas tradicionais (UNESCO, 2003). Embora haja essa interpretação mais ampliada sobre o que é considerado patrimônio, ainda é comum vermos com mais frequência a preocupação dos órgãos responsáveis em salvaguardar o patrimônio palpável.

Dessa forma, o trabalho das mulheres da ECOSOL insere-se na perspectiva da imaterialidade, por estar inserido na lógica dos saberes tradicionais, ou seja, aqueles que são transmitidos de geração em geração e que carregam consigo uma forte carga simbólica de histórias, memórias e identidades. As mulheres que desempenham a produção artesanal têm um “importante papel na produção, salvaguarda, manutenção e recriação do patrimônio cultural imaterial, assim contribuindo para enriquecer a diversidade cultural e a criatividade humana” (UNESCO, 2003, p. 04) e será esta contribuição, a nível local, que essa pesquisa se propõe a apresentar e a refletir.

## 1.2. AS MULHERES NA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DAS MULHERES

No século XVIII, se colocava em dúvida o caráter da humanidade das mulheres. A superioridade dos homens era tamanha, que os próprios duvidavam das capacidades e consideravam a proximidade das mulheres com animais irracionais (Pinsky, 2007). Essa mentalidade, reforçada por argumentos médicos e científicos, criava discursos pelos quais se hierarquizava homens em detrimento das mulheres, fato que persistiu por séculos e se reflete na enorme desigualdade social, econômica, política e cultural vivenciada pelas mulheres ainda hoje (Martins, 2020). Santos (2009, p. 25) explica sobre o alcance dessas desigualdades:

---

<sup>11</sup> Patrimônio Material. IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>. Acesso em 28 nov. 2022.

<sup>12</sup> Patrimônio Material. IPHAN, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em 28 nov. 2022.

A desigualdade abarcava a esfera pública e privada. Na esfera pública, era visível nos salários menores do que os dos homens em serviços iguais e na pequena participação política. Na esfera privada, pela dupla moral sexual e pela delegação de papéis domésticos. A desigualdade era e ainda é justificada por setores conservadores religiosos, científicos e políticos, pela diferença biológica entre homens e mulheres (SANTOS, 2009, p. 25).

A discriminação e a opressão vinham de dentro e de fora do lar com propensões a aumentar de acordo com a classe social e etnia das mulheres. Direitos como acesso à educação eram negados às mulheres. Como as mulheres não eram letradas, ao longo de séculos, estava nas mãos dos homens o domínio e possibilidade de leitura e escrita, inclusive quando o assunto era *e/elas*.

A História das mulheres situa-se dentro de um processo, em que se percebe um brutal apagamento da relevância das experiências das mulheres na/para a História. A História, enquanto campo de compreensão humana, em seu formato tradicional, tinha por objetivo descrever e divulgar os feitos de grandes heróis, isto é, homens que tivessem uma trajetória de êxito na política e/ou no militarismo. A seleção daquilo que vai ou não ser considerado História também passa por relações sociais de poder. Portanto, quem detinha a autoridade para exercer a escrita e criar imaginários sobre o que é ser mulher, não eram as próprias mulheres.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em sua conferência "O perigo de uma história única", realizada em 2009 no TEDxEuston, discute a versão colonialista e machista da História que reduziu o continente africano a uma visão única, retratando a pobreza e a guerra como suas características principais. Nos bancos escolares, fomos ensinados a sentir pena da África e de seus habitantes, desconhecendo suas tradições, culturas e contribuições. Mas por que trazer essas reflexões para este texto? Para mostrar o poder que as histórias possuem e como o que aconteceu com a História da África se assemelha ao que ocorreu com a História das mulheres.

Com o intuito de pensar a História sob lentes que fugissem da tradicional História factual<sup>13</sup>, nasce na França a revista *Annales*<sup>14</sup>. Sua criação em 1929 veio com a proposta de exercitar uma outra História, dessa vez com a inserção de novas fontes e novas personagens antes marginalizadas ou simplesmente inexistentes no

---

<sup>13</sup>História dedicada a apenas contar os fatos ocorridos, sem interpretá-los, problematizá-los e analisá-los.

<sup>14</sup>Criada pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch.

campo histórico (Burke, 1992, p. 11). Os *Annales*, adepta de uma História-problema, representou um movimento teórico-historiográfico que se expandiu, conquistando muita aceitação no mundo intelectual. Tanto foi que a sua terceira geração, conhecida como *Nova História* (1970), é responsável por discutir a História em contato com outras áreas, tais como antropologia, sociologia, literatura, geografia, psicologia, etc. (Matos, 2010, p. 114).

A *Nova História*, portanto, modifica as abordagens, as teorias e as metodologias, abrindo espaço para que pessoas comuns possam ter a validação necessária para serem incluídas na História. É nesse contexto que a oralidade torna-se instrumento com forte capacidade para ser utilizado como fonte de pesquisas. As mentalidades e os imaginários, nas suas mais diversas estruturas, também passaram a ser campo de abordagem histórica.

Michelle Perrot, francesa nascida em 1928, professora emérita de História Contemporânea na Universidade Paris-VII, é uma das referentes historiadoras das mulheres, apesar de seu foco estar na mulher branca ocidental, seus escritos abordam a importância de se escrever sobre História das mulheres. No livro "Minha História das Mulheres" (2007), escrito a partir de relatos que fazia a um público não especializado de um programa transmitido pela Radio France Culture, Perrot destaca que as mulheres têm História e que, ainda que tenham sido relegadas ao silêncio e a imagens distorcidas, dela são sujeitos ativos.

O feminismo, que já contribuía para a mudança de pensamento desde o século XVIII, cresceu nos anos 1960, em meio ao contexto de efervescência cultural e política. Toda essa movimentação passou a pôr "em xeque os padrões morais socialmente aceitos, desmontando arraigados valores de família e recusando a posição subalterna da mulher dentro do espaço privado" (Silva, 2008, p. 226). A partir da eclosão de movimentos como o feminismo, passa a crescer a busca por visibilidade histórica. Destaca-se que o desenvolvimento da história das mulheres "acompanha em surdina o 'movimento' das mulheres em direção à emancipação e à libertação. Trata-se da tradução e do efeito de uma tomada de consciência ainda mais vasta: a da dimensão sexuada da sociedade e da história" (Perrot, 2007, p. 15). Aos poucos, as mulheres vão transformando a singular universalidade do homem como sujeito histórico.

Conforme a citação acima, é possível ver que a introdução desse novo campo de estudos tem vínculo com os movimentos feministas que reivindicavam a

equidade na vida e evidentemente, nos espaços a elas negado, como o intelectual. Santos (2009) afirma que as pesquisas sobre a economia do trabalho feminino tiveram início a partir da década de 1960. Em suas palavras: “antes isso era negligenciado, pois a maioria das investigações era realizada por economistas homens e estes não consideraram relevante a participação feminina” (Santos, 2009, p. 17). Igualmente se dava no campo científico e tecnológico, autoras como Schienbinger (2001), Tabak (2002), Melo e Rodrigues (2018) explanam a invisibilidade das mulheres a partir da pesquisa em diversas universidades e demonstram a importância do feminismo para auxiliar as mulheres a permanecerem e a receberem o devido reconhecimento, de modo a reafirmar a necessária equidade entre as pessoas, dentro e fora do âmbito acadêmico.

O caminho da inserção das mulheres na História se estabeleceu de modo inovador, visto que o campo do privado e do cotidiano ainda era território pouco habitado por historiadores. Como aborda a historiadora Silva (2008, p. 227), “as singularidades sem importância maior para a história tradicional tiveram de ser buscadas com um novo olhar, porque muito cedo se evidenciou que eram nestes pequenos detalhes que se tornava possível detectar as fontes mais preciosas”. Desse modo, passou a se integrar entre as fontes utilizadas para narrar a história das mulheres, diários, livros de receitas, entrevistas, cartas, entre outras coisas que antes não tinham reconhecido valor histórico.

Ainda de acordo com Silva (2008), a História das mulheres no Brasil começa a ser construída a partir de 1980. Naquele momento, a escrita destacava a “dialética da dominação *versus* opressão, dando pouco ou nenhum destaque às múltiplas formas de resistência que as mulheres elaboraram ao longo do tempo para fugir à dominação masculina” (Silva, 2008, p. 227). Seguindo essa linha de pensamento, Rago (1995) apresenta que, durante esse período, os temas que prioritariamente ocupavam as obras dedicadas às mulheres trabalhadoras eram a temática do ingresso delas no mercado de trabalho, assim como as denúncias envolvendo “péssimas condições de trabalho, os salários inferiores aos dos homens, o assédio sexual, as inúmeras formas da violência machista” (Rago, 1995, p. 82). Tais abordagens foram importantes, principalmente num período em que havia grande apagamento das vozes das mulheres, mas a autora explica que isso acabava por determinar as mulheres como produtos tão somente de experiências econômicas e sociais e não como sujeitos históricos atuantes.

Mais tarde, diversas historiadoras passaram a alertar para o fato de que, apesar das desigualdades enfrentadas pelas mulheres nas suas mais variadas classes, cores, credos, idades, era preciso avançar e ir além dos problemas, de forma a conectar interpretações que as colocassem como protagonistas, descobrindo suas formas de resistências, suas lutas e os desdobramentos que criavam para sobreviver e atuar no curso de suas vidas.

Nesse sentido, o reconhecimento das expressões das mulheres passa a ser pouco a pouco colocado em prioridade; e numa extensão internacional, as mulheres passam a ser vistas como promotoras de várias transformações sociais. Assim, lutas por igualdade de gênero passam a ser incluídas em agendas globais, como a Agenda 2030 das Nações Unidas no Brasil<sup>15</sup> (2017, p. 55). Atualmente, é comum observarmos nas pesquisas acadêmicas a inclusão dessa percepção do protagonismo das mulheres no curso de suas vidas, a exemplo de pesquisas realizadas, abaixo mencionadas, sobre as jaguarenses.

### 1.2.1 História das mulheres em Jaguarão/RS

No que diz respeito ao estudo das mulheres de Jaguarão, apesar de existir escassas fontes, encontra-se algumas pesquisas publicadas em revistas e em sites dos cursos de História e Turismo da Unipampa, dentre elas destacamos por ordem de publicação:

1. Jesiane Pereira Delfino, com o “City tour: a mulher jaguarense”<sup>16</sup> (2012).
2. Kênya Jessyca Martins de Paiva, com “Mulheres trabalhadoras de Jaguarão/RS: memória e história de Francisca e Emília entre as décadas de 1950 e 1960” (2014), através de entrevistas, buscou-se ouvir duas senhoras que foram trabalhadoras entre 1950 e 1960 para analisar suas dificuldades, formas de resistências, questões salariais, relações familiares, e toda gama de aspectos trazidos pelas memórias das suas experiências de vida.

---

<sup>15</sup> A igualdade de gênero faz parte do 5º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas no Brasil, citado como: “Alcançar a Igualdade de Gênero e Empoderar todas as Mulheres e Meninas”. Ler mais em: MACHADO FILHO, Haroldo (org). Documentos temáticos: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Nações Unidas no Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/ods/documentos-tematicos--ods-1--2--3--5--9--14.html>. Acesso em: 26 dez.2022.

<sup>16</sup> Trabalho de conclusão do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, está citado no site do curso, mas não há disponível a pesquisa completa. Ver em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/turismo/projeto-aplicado/>. Acesso em 23 dez.2022.

3. Hilda Jaqueline Fraga e Jesiane Pereira Delfino, com “Cartografias femininas na cidade de Jaguarão: Uma experiência de Educação Patrimonial”<sup>17</sup> (2015), na qual enfatizam as histórias e o cotidiano visível/invisível das mulheres no final do século XIX e início do século XX, utilizando os patrimônios da cidade;
4. Taiane Naressi Lopes, com “Protagonismo Feminino entre regras e padrões: Uma História das mulheres negras do Clube social 24 de agosto”<sup>18</sup> (2015), em que, por meio de entrevistas, busca identificar as relações de gênero dentro do Clube e o protagonismo das mulheres;
5. Rodrigo Lages Lakman, com “Mocinha, um ícone de resistência no carnaval jaguareense: Uma leitura do contexto da Sociedade Recreativa Beneficente Estrela D’alva”<sup>19</sup> (2017), na qual registra fragmentos da trajetória e história de Maria Cezarina Cardozo, a dona “Mocinha” e a sua ação junto da escola de samba Estrela D’alva;
6. Francine Da Silva Soares Rodrigues, com “Tráfico de mulheres na fronteira Jaguarão (Brasil) – Rio Branco (Uruguai): Será essa questão inexistente?”<sup>20</sup> (2018), na qual a autora analisa a partir de entrevistas, cartilhas, jornais informações sobre a suposta inexistência deste crime na fronteira;

---

<sup>17</sup> FRAGA, Hilda Jaqueline Fraga; DELFINO, Jesiane Pereira. **Cartografias femininas na cidade de Jaguarão: Uma experiência de Educação Patrimonial**. Série Patrimônio cultural e extensão universitária - IPHAN, ISSN Online 2357-755X, n. 6, jul. 2015. Ler em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Serie\\_PCEU\\_n\\_6\\_jul\\_2015\\_publicar.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Serie_PCEU_n_6_jul_2015_publicar.pdf). Acesso em: 23 dez.2022.

<sup>18</sup> LOPES, Taiane Naressi. **Protagonismo Feminino entre regras e padrões: Uma História das mulheres negras do Clube social 24 de agosto**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão. Jaguarão, 2015. Disponível em: [https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/historia/files/2014/05/TCC\\_Completo\\_Taiane-Lopes.pdf](https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/historia/files/2014/05/TCC_Completo_Taiane-Lopes.pdf). Acesso em: 23 dez.2022.

<sup>19</sup> LAKMAN, Rodrigo Lages. **Mocinha, um ícone de resistência no carnaval jaguareense: Uma leitura do contexto da Sociedade Recreativa Beneficente Estrela D’alva**. Trabalho de conclusão de curso (Tecnologia em Gestão do Turismo) - Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão. Jaguarão, 2017. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B\\_TpzX6pZA\\_nYWdVejFtcjA4Zm8/view?resourcekey=0-9KhznR8668WCb0oi7lj9sQ](https://drive.google.com/file/d/0B_TpzX6pZA_nYWdVejFtcjA4Zm8/view?resourcekey=0-9KhznR8668WCb0oi7lj9sQ). Acesso em: 23 dez.2022.

<sup>20</sup> RODRIGUES, Francine Da Silva Soares. **Tráfico de mulheres na fronteira Jaguarão (Brasil) – Rio Branco (Uruguai): Será essa questão inexistente?**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão. Jaguarão, 2018. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/historia/files/2019/03/tcc.pdf>. Acesso em 23 dez.2022.

7. Helora Ataydes Dilelo Ávila, com “Crochê Jacquard: Identidade, memória e símbolo de empoderamento feminino em Jaguarão/RS<sup>21</sup>” (2018), tendo como intuito compreender os processos que tornam o Jacquard um símbolo da memória, da identidade e do empoderamento feminino no município.

Dos encontrados, apoiamo-nos neste último, em que a egressa do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Unipampa, atualmente mestra em Antropologia na UFPEL, apresenta o trabalho com o crochê Jacquard como parte fundamental da identidade cultural de sete<sup>22</sup> artesãs de Jaguarão, assim como fator que auxiliou na emancipação delas através da independência financeira, sendo a produção dos artesanatos uma fonte de renda; e no protagonismo por elas construído a partir do ofício desenvolvido. Retomamos essa pesquisa no terceiro capítulo.

Como vimos, o caminho para a inserção das mulheres no campo histórico veio acompanhado de inúmeros desafios e, em municípios interioranos como Jaguarão, essas dificuldades se intensificam. Esse cenário reforça a relevância de pesquisas que abordem as vivências das mulheres trabalhadoras da cidade, evidenciando a necessidade de trazer à tona suas histórias e contribuições. Em vista disso, é importante ressaltar que em setembro deste ano, sancionou-se no Brasil a Lei 14.986, que torna obrigatória a inclusão das contribuições das mulheres na história nos currículos escolares do ensino fundamental e médio. Essa legislação busca promover a valorização do papel feminino em diferentes contextos históricos, ressaltando suas lutas, conquistas e impactos na construção da sociedade. Medida esta que, reforça a importância de reconhecer o protagonismo das mulheres na história.

## 2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo foi organizado em três seções. Na primeira, será apresentada uma síntese do histórico da Economia Solidária perpassando por Europa, América

---

<sup>21</sup> ÁVILA, Helora Ataydes Dilelo. **Crochê Jacquard: Identidade, memória e símbolo de empoderamento feminino em Jaguarão/RS**. Trabalho de conclusão de curso (Tecnologia em Gestão do Turismo) - Universidade Federal do Pampa Campus Jaguarão. Jaguarão, 2018. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/3930/1/HeloraAraydesDilelioAvila2018.pdf>. Acesso em: 23 dez.2022.

<sup>22</sup> Duas integrantes do grupo de artesãs “As Cardadeiras”, vinculado à Economia Solidária e cinco artesãs da Associação Municipal de Artesãos.

Latina, Brasil e Rio Grande do Sul, para que seja possível compreender a sua trajetória enquanto atuante pelo trabalho e vida em cooperação. Na seção seguinte, serão abordados conceitos sobre Turismo, ECOSOL e o protagonismo das artesãs, buscando contextualizar como essas dimensões se interconectam e se potencializam. Por fim, na terceira seção, será analisada a importância dos produtos artesanais como elementos que traduzem a identidade local e a contribuição das mulheres na sua criação, reforçando a conexão entre o trabalho artesanal e o Turismo Cultural.

## 2.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA

O conceito de ECOSOL nasce na Europa durante o século XIX, acompanhando os problemas advindos com o sistema capitalista vigente. Para melhor entendimento desse sistema, o economista Paul Singer (2002) aponta para características fundamentais do capitalismo, como a relação de trabalho baseada no lucro e na competitividade. Esse modelo apresenta um viés individualista e totalmente voltado ao benefício do patrão, onde o empregado é tratado como mera mão-de-obra barata e facilmente substituível numa empresa. A exclusão, a desigualdade de raça e gênero, as diferenciadas condições de estudo, a falta de trabalho assalariado que suprisse a enorme demanda, tudo isso acarretou a necessária transformação nas experiências econômicas entre trabalhadoras e trabalhadores.

Com o intuito de promover uma economia justa e igualitária, que auxiliasse para geração alternativa de trabalho e renda, é que se cria a ECOSOL. Silva<sup>23</sup> (2020, p. 09) aborda que se considera como empreendimentos de ECOSOL “aqueles geradores de trabalho e renda, tanto de maneira direta, como as cooperativas de produção e comercialização, quanto indireta, como as cooperativas de consumo e crédito”. Tendo como base a solidariedade, esses empreendimentos vêm como uma alternativa que melhor beneficia a sociedade como um todo, baseada em preceitos de igualdade e trabalho consciente, em que todas as pessoas envolvidas são partícipes da administração e dos frutos.

---

<sup>23</sup> Este pesquisador, organizou o livro “Dinâmicas da Economia Solidária no Brasil - organizações econômicas, representações sociais e políticas públicas” (2020), na qual é apresentada uma série de pesquisas desenvolvidas pelo Ipea, abordando o paradigma da economia solidária em seus múltiplos aspectos. Ler em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10363>. Acesso em: 22 dez. 2022.

A ECOSOL se configura por uma autogestão que permite às pessoas trabalharem em cooperação, usufruindo dos bens e benefícios coletivamente. Nesse sentido, retira-se então o caráter exploratório, típico do sistema vigente mundial (Leal; Rodrigues, 2018). Apesar dos conflitos e dificuldades, a autogestão é o que mais se encaixa numa lógica democrática, politizada e humana para gerar uma economia solidária entre a sociedade. Essa forma de trabalho vem sendo realizada há muito tempo, por grupos sociais marginalizados, à exemplo de comunidades quilombolas, que desenvolveram formas coletivas de organização para garantir a sobrevivência e a autonomia.

Neste tipo de economia, o central é a valorização de ações voltadas ao trabalho/gestão/rendimentos coletivo, a exemplo as cooperativas, associações, etc. Nesse sentido, a ECOSOL é um movimento em que os empreendimentos se dão de modo cooperativo, autogestionado, sustentável e justo no comércio e no consumo. Paul Singer aborda que a ECOSOL pode ser identificada como:

Outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda (Singer, 2002, p.10).

Com o intuito de inserção de trabalhadoras e trabalhadores no mercado de trabalho cooperativista/associativista, esse novo modo de produção — que não tem o financeiro como único e maior objetivo — começou sua intensificação na América latina após os anos 1970. Esse modelo despertou interesse de pessoas excluídas do mercado de trabalho formal e está presente em vários ramos de atividades, como a indústria, os serviços e o artesanato, que é o foco da nossa pesquisa.

O segundo mapeamento da ECOSOL no Brasil, realizado por Luiz Inácio Gaiger, junto a integrantes do Grupo de Pesquisa em Economia Solidária e Cooperativa, aponta que o primeiro empreendimento data de 1885 e é proveniente de um quilombo localizado no Nordeste, este é, atualmente, constituído por mulheres que produzem artesanato (2014, p. 95). Ao longo da História do Brasil, é possível percebermos em vários locais a construção de trabalhos oriundos da autogestão, volto a ressaltar que as próprias comunidades indígenas e quilombolas são exemplos disso.

A consolidação da ECOSOL está diretamente ligada às lutas por democratização no Brasil, pela reforma agrária e por outros movimentos sociais, como o feminismo, os movimentos negros e indígenas. Nos anos 1990, o contexto brasileiro era de amplo desemprego unido à precarização do trabalho. Dessa forma, cresce a estratégia dos movimentos sociais e sindicais para a construção de autonomia, protagonismo e geração de renda para famílias tanto na área urbana, como na rural. Por meio da inclusão de pessoas empobrecidas e do incentivo ao trabalho, surgiram iniciativas marcantes, como fábricas falidas que passaram a ser gerenciadas pelos próprios trabalhadores.

Para Varêda (2019), a partir dos anos 2000, o contexto favoreceu o crescimento da ECOSOL, abreviada pelo autor com “ES”:

Os anos 2000 foi o momento da ampliação significativa da ES, a partir dos processos da articulação de atores sociais diversos, que é desde as universidades, MST, igrejas, Organizações Não Governamentais que se unem e se articulam. Em 2001, foi o momento do fórum social mundial, em Porto Alegre. O fórum permitia que esses atores se encontrassem e discutissem para colocar em pauta e refletir sobre esse projeto. Já que não se tratava de experiências isoladas, mas de um projeto e de uma proposta para outro modelo de desenvolvimento (Varêda, 2019, p. 08).

Por ser considerado como um movimento que integra diversas redes, as pessoas da ECOSOL, além de administrarem seus negócios em todas as etapas, também estão organizadas em fóruns, conferências, plenárias e toda uma rede que marca presença atuante nos níveis municipal, estadual, regional, nacional e internacional.

Com a eleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, foi criada, no Ministério do Trabalho e Emprego, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), alicerces que auxiliaram no desenvolvimento, na expansão e no avanço da Economia Solidária, de acordo com Varêda (2019). A partir de 2019, quando Jair Bolsonaro assume a presidência do país, é extinto, em seu primeiro dia de governo, o Ministério do Trabalho — este vira uma secretaria especial no Ministério da Economia. Cria-se o Ministério da Cidadania e assuntos como Economia Solidária passam a integrar a Secretaria Nacional de Inclusão Social e Produtiva (SEISP).

No Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários (CadSol), encontra-se o cadastro de 20.634 Empreendimentos Econômicos Solidários (EES)<sup>24</sup>, tornando possível a gestão, a geração de renda e consumo sustentável para cerca de 1,423 milhão de pessoas em todo território nacional (BRASIL, s.d.).

Há, inclusive, um Projeto de Emenda à Constituição (PEC) nº 69, de 2019, que busca incluir o inciso X ao art. 170 da Constituição Federal, para reconhecer a economia solidária como um dos princípios da Ordem Econômica. O objetivo dessa inclusão é garantir que políticas públicas fundamentadas nesse princípio jurídico possam moldar a realidade econômica, promovendo um modelo de desenvolvimento mais inclusivo e sustentável. Segundo o projeto, “a inclusão da economia solidária entre os princípios da ordem econômica possibilitará que políticas públicas baseadas nesse princípio jurídico moldam a realidade, a ordem econômica real” (p. 04, 2019). Esse reconhecimento institucional da ECOSOL abre espaço para que novas políticas sejam formuladas, priorizando a autogestão, a cooperação e a valorização das comunidades locais, o que pode resultar em um desenvolvimento mais justo e equitativo, alinhado aos valores da inclusão social e da sustentabilidade.

Dias antes de entregar este trabalho para a banca, a artesã Roseli Calvetti, uma das entrevistadas da pesquisa, enviou a notícia de que a Câmara dos Deputados aprovou no dia 27 de novembro de 2024, o projeto de Lei 6606/19 (antigo PL 4685/12), que cria a Política Nacional de Economia Solidária, lei esta que regulamenta a economia popular e solidária. Conforme a matéria publicada no site do Gov.br<sup>25</sup>, um empreendimento de ECOSOL é “aquele de fins econômicos e sem fins lucrativos, autogerido por seus membros, que devem exercer coletivamente as atividades econômicas e a decisão sobre a partilha dos seus resultados” (2024). O projeto define seis eixos principais para a política voltada aos empreendimentos solidários: formação e qualificação social e profissional, acesso a serviços financeiros e de crédito, incentivo à comercialização e ao consumo responsável, apoio aos empreendimentos solidários e redes de cooperação, estímulo à recuperação de empresas por trabalhadores organizados em autogestão e suporte à

---

<sup>24</sup>BRASIL. **Ministério da Cidadania**. Economia Solidária - Gov.Br. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-produtiva-urbana/economia-solidaria#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20Cadastro,expressiva%20variedade%20e%20quantidade%20de>. Acesso em: 23 dez. 2022.

<sup>25</sup> Matéria na íntegra, disponível em: <https://encurtador.com.br/FLZaM>. Acesso em 29 nov.2024.

pesquisa e desenvolvimento tecnológico adequado. Os beneficiários de programas sociais podem ser contemplados pelas ações, desde que atuem em empreendimentos econômicos solidários, com prioridade para aqueles em situação de vulnerabilidade social. Além disso, será criado um cadastro nacional de empreendimentos solidários para facilitar o acesso aos benefícios. Grupos informais serão incentivados a se regularizarem juridicamente, possibilitando sua inclusão completa no regime legal associativo. Esta lei representa um avanço nas políticas públicas da ECOSOL!

Por fim, voltamos nosso olhar para o estado em que estamos inseridas. De acordo com Rosa (2013), o Rio Grande do Sul foi o primeiro estado a implementar políticas públicas voltadas à ECOSOL, na qual se deu, inicialmente, no setor agrícola, com o nascimento de pequenas cooperativas agrícolas, e depois foi se expandindo. Os dados do Observatório Nacional de Economia Solidária e do Cooperativismo<sup>26</sup> mostram que, dos 20.529 negócios registrados no Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários (CADSOL), 1.696 estão no Rio Grande do Sul, fazendo deste estado o líder no número de empreendimentos voltados para a coletividade e divisão justa do trabalho. Neste ano, o Ministério do Trabalho e Emprego lançou um questionário com o intuito de mapear, novamente, os empreendimentos, visando fortalecer conhecer como se encontra a realidade atual deste setor.

Esse capítulo buscou evidenciar que a ECOSOL é mais do que um sistema econômico alternativo: é uma resposta às desigualdades estruturais, promovendo justiça social, sustentabilidade e empoderamento. No contexto atual, iniciativas como a recente lei nacional e os esforços para mapear os empreendimentos solidários reafirmam a importância desse modelo para um futuro mais equitativo e colaborativo.

## 2.2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA, O TURISMO E O PROTAGONISMO DAS MULHERES

O Turismo pode ser definido de diversas maneiras, sendo uma delas como o conjunto de atividades que envolvem o deslocamento de pessoas de um local para outro, seja em âmbito doméstico (viagens realizadas dentro do próprio país) ou

---

<sup>26</sup> Dados disponíveis em: <<https://ecosol.dieese.org.br/busca.php>>. Acesso em 23 out. 2024.

internacional (experiências de indivíduos que atravessam as fronteiras de seu país de origem para explorar destinos em outros países). Essa atividade desempenha um papel fundamental na preservação da riqueza e diversidade cultural mundial, pois mobiliza a sociedade a cuidar e valorizar seus próprios bens, utilizando-os como forma de compartilhar e agregar valor a outras pessoas.

Nos últimos anos, tem-se registrado um crescimento do número de viajantes por todos os lugares do mundo e, com isso, há também benefícios econômicos e sociais gerados pela movimentação das e dos turistas. Empresas, órgãos públicos e até mesmo a sociedade civil têm se organizado para oferecer subsídios diversos para atrair viajantes (Oliveira, 2007). É dessa forma que o Turismo se consolida como atividade geradora de emprego, renda e desenvolvimento econômico, principalmente, em países que arriscaram nesse ramo e realizaram investimentos de todas as ordens – capacitações profissionais, revitalizações tanto de áreas públicas quanto privadas, além da oferta de novos serviços e produtos turísticos direcionados a todas as faixas etárias e para todos os gostos da população.

A atividade turística vem superando setores como o da indústria, por exemplo, e este fato se deve, principalmente, pelo efeito multiplicador do Turismo, além de possuir entre suas características, fundamentais, a necessidade de agregar diversas áreas para o seu desenvolvimento. Assim, o Turismo depende e compõem-se de vários elementos como equipamentos, serviços, infraestrutura, atrativos, ao qual se relaciona. Portanto, diversas áreas estão intrinsecamente associadas ao Turismo, como é o caso da rede hoteleira, do setor de alimentação como bares, restaurantes e similares, lojas e comércio em geral, agências de viagens e transportes, entretenimento e atrativos dos mais variados, entre outros (Oliveira, 2007).

Países que buscam de alguma forma se desenvolver economicamente, estão apostando no Turismo como alternativa de investimento, pois a atividade pode ser capaz de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade autóctone, principalmente, por meio da geração de emprego e renda que tem seu reflexo no bem estar da sociedade, e assim contribuindo para desenvolvimento socioeconômico de cidades e regiões (Filho, 2002). Em relação a isso, Medeiros *et al.* (2017) aborda que:

[...] é permitido asseverar que o turismo, enquanto atividade econômica, pode se utilizar dessas práticas econômico - solidárias como forma de inserir a comunidade local nos benefícios advindos do turismo,

por meio da inserção dos produtos como artigos de cama mesa e banho produzidos por grupos (cooperativas e/ou associações), em feiras ou eventos ligados ao turismo; e/ou de serviços prestados, ao trade turístico, como: serviços de jardinagem e paisagismo oferecidos por cooperativas de floricultores. (MEDEIROS *et al*, 2017, p. 45).

A citação de Medeiros *et al* (2017) trata do Turismo como uma atividade que pode ser integrada com práticas de ECOSOL, promovendo benefícios diretos para a comunidade local. Ao integrar o Turismo com a ECOSOL, o objetivo vai além de somente gerar renda, já que ele é capaz de fortalecer o protagonismo feminino, especialmente em regiões onde as mulheres têm, historicamente, enfrentado exclusão econômica e social.

Nesse contexto, o envolvimento de grupos femininos, organizados em cooperativas ou associações, permite que essas mulheres assumam o controle de suas trajetórias profissionais. Dessa forma, elas produzem artigos de cama, mesa, banho, enfeites em geral ou oferecem serviços, e a partir disso, resgatam práticas culturais e saberes tradicionais que valorizam suas identidades locais. Esse modelo de Turismo e ECOSOL promove um efeito transformador nas comunidades, especialmente para as mulheres que, muitas vezes, são as responsáveis por essas produções artesanais e serviços. Ao se organizarem em coletivos, essas mulheres ganham fonte de renda, bem como a possibilidade de fortalecer suas redes de apoio, melhorar sua autoestima e adquirir novas habilidades. A busca por maior capacitação para atuar no Turismo, contribui para sua autonomia e para a criação de espaços de empoderamento social.

Além disso, vemos que, nesse sistema, o lucro gerado pelo Turismo permanece na própria comunidade, em vez de ser direcionado a grandes corporações. Isso resulta em uma distribuição mais equitativa dos recursos, beneficiando diretamente os pequenos produtores e trabalhadores locais. A inclusão de produtos e serviços das cooperativas e associações nas feiras e eventos turísticos amplia a visibilidade desses grupos, e conseqüentemente, fortalece a economia local de maneira sustentável.

Através da participação coletiva, cria-se meios para melhorar a qualidade de vida das próprias pessoas envolvidas que se organizam de forma criativa para oferecer — mesmo que na localidade não haja condições apropriadas para o Turismo — experiências em suas culturas. E, portanto, ajudam no desenvolvimento

da economia local, de forma a melhorar a distribuição de renda e minimizar os impactos das desigualdades econômicas, sociais, políticas e ambientais.

O protagonismo das mulheres no Turismo reflete-se nas estatísticas da Organização Mundial do Turismo (2020), as quais apontam que 54% das trabalhadoras no setor turístico são mulheres<sup>27</sup>. No entanto, essa maioria numérica não garante equidade, já que muitas continuam a enfrentar desvalorização e falta de respeito (Farinha, 2021). Isso se insere num contexto histórico de marginalização, no qual, apesar dos avanços, as mulheres ainda sofrem com desigualdade de tratamento em comparação aos homens, como visto na seção que expõe sobre a História das Mulheres.

Minasi *et al* (2022, p.02) aborda que a temática mulheres e Turismo passou a ser estudada em 1990, e com isso, trabalhos começaram a evidenciar as desvantagens delas em serviços, em participação em ensino, pesquisa e em eventos científicos. Além disso, as autoras alertam para a escassez de estudos quantitativos que versem sobre a condição profissional das mulheres no Turismo. De modo a colaborar com estudos que usassem a metodologia quantitativa, pois podem servir como instrumentos para viabilizar políticas públicas de combate à desigualdade de gênero, as autoras realizaram um estudo para caracterizar a participação profissional da mulher no Turismo no Brasil.

O estudo foi organizado a partir de duas perspectivas: I) trata da “proporção de mulheres em diferentes posições e momentos da vida profissional, [...] e as posições de poder no turismo” e II) “trata do salário das trabalhadoras mulheres em comparação com os salários dos trabalhadores homens” (*op. cit*, p.03). Foi constatado que elas “são maioria nas carreiras e atividades tradicionalmente associadas aos papéis atribuídos à mulher no ambiente doméstico e na sociedade, como nos serviços de alimentação e hospedagem”, mas que “também são maioria nas agências e operadoras de turismo”. (*op. cit*, p. 14), algo que, de acordo com as autoras, não estava consolidado na literatura. O estudo também demonstrou que elas são minoria em atividades consideradas trabalho de homens, como o setor de transporte, e reafirmou que:

---

<sup>27</sup> Mais informações é possível encontrar em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/as-donas-da-banca-mulheres-sao-a-engrenagem-do-turismo-mundial>. Acesso em 10 dez 2023.

Embora no Brasil as mulheres representem a parcela mais significativa no ensino superior de turismo e estejam em maior proporção nos empregos do setor, elas continuam sub-representadas em cargos de liderança e poder, têm menor participação em faixas salariais mais elevadas e são minoria entre os empreendedores. Em particular, a pequena proporção de mulheres nos cargos mais altos e bem remunerados das empresas privadas, assim como no governo, confirma a existência do “teto de vidro” no turismo no Brasil. É possível afirmar que a predominância do sexo feminino no turismo brasileiro, bem como seus maiores níveis de escolaridade, ainda não resulta em melhores cargos profissionais e melhores rendimentos para as mulheres. Esses resultados atualizam e corroboram as principais conclusões de Guimarães e Silva (2016) demonstram que a qualificação não é condição suficiente para ascensão profissional feminina (MINASI et al, 2022, p.15).

Os resultados, em linhas gerais, permitem um vislumbre da realidade de maneira abrangente e atualizada. Na contramão do protagonismo feminino, identificado através da representatividade no Ensino Superior e nos empregos no Setor Turístico, vemos, por outro lado, que há muitos desafios no que tange a promoção da igualdade e emancipação econômica: equiparação salarial; a necessidade de implementação de políticas que sincronizem as mulheres à participação política e cidadã para tomada de decisões; a oportunidade para crescimento e desenvolvimento pleno das suas atividades no âmbito do trabalho no Turismo; entre outros.

Em Jaguarão, conforme já enfatizado, o trabalho realizado pela equipe da Casa da ECOSOL, voltado à autogestão, à co-responsabilidade e à solidariedade, é uma iniciativa coletiva que se concentra para o desenvolvimento local e uma ferramenta de apoio que serve para atender as demandas turísticas. O Turismo se configura como instrumento para fortalecer o trabalho desempenhado pelas associadas e, ao fortalecê-las, fortifica a comunidade como um todo.

### 2.3 O *SOUVENIR* TURÍSTICO E O TOQUE DAS MULHERES

O *Souvenir*, muito mais do que apenas uma lembrancinha que as/os turistas compram, tem sua materialidade ligada à identidade de um local e à memória que se deseja compartilhar; sendo, portanto, uma forma de promover o patrimônio do local visitado, que ainda viabiliza fonte de renda para a comunidade receptora. A importância é tamanha que, Brasil afora, há projetos, tais como o *Souvenir* Parque Vila Velha em parceria com SEBRAE/PR, que trabalham com ênfase em estimular a

criação e venda de souvenirs, visando a apoiar pequenos e micro empreendedoras/es do local para adequar seus serviços ao mercado turístico<sup>28</sup>.

Com relação aos produtos confeccionados de forma artesanal, eles trazem características ligadas aos aspectos patrimônio-culturais da cidade, como é o caso do crochê em Jacquard, técnica artesanal de exclusividade jaguarense, feita por mulheres a partir do aprendizado por transmissão de saberes campestres. As pesquisadoras Ávila e Farinha (2019) apresentam a relação da comercialização de *souvenirs* em lã natural e da manutenção de uma identidade rural em Jaguarão/RS, cidade que se destaca por sua produção lanífera. Nesse estudo, as autoras apresentam que o investimento na comercialização do crochê em Jacquard como *souvenirs* para turistas, pode ser uma alternativa sustentável e de ajuda frente às dificuldades nas vendas causada pela carestia das peças.

Dessa forma, inicialmente, deve-se propor formas de incluir esses moradores no círculo econômico do turismo, e assim permitir que sua distribuição chegue também à essas regiões do município, sem danificar sua identidade. Por conta da zona franca, estabelecida na fronteira com a cidade de Rio Branco - Uruguai, o município de Jaguarão recebe, em maior número, um fluxo turístico destinado ao segmento de compras. Assim, percebe-se nesses turistas clientes em potencial para a comercialização das peças em lã natural, e até mesmo sua confecção como *souvenir* (ÁVILA; FARINHA, 2019, p. 17).

Conforme dito, a fronteira recebe um número considerável de visitantes interessados em realizar compras nos *free shops* do lado uruguaio. Um dos grandes debates sobre esses turistas é: por que tão poucos permanecem no lado brasileiro e como poderia ser estimulado o interesse pela permanência deles aqui? Será que se interessariam em conhecer o que Jaguarão tem a oferecer? Acreditamos, fortemente, que sim.

As artesãs realizam todo o trabalho necessário com a lã crua para a posterior produção das obras que são: cobertores, mantas para sofá, chaveiros e claro, indumentárias gaúchas. Obras que, pelas mãos de mulheres, comunicam uma história que traz o campo como a sua principal matriz e, com isso, reforça a identidade cultural do Município. Inclusive, por ser algo que põe Jaguarão num grau de singularidade, o crochê Jacquard está em processo de inventário pelo IPHAN.

---

<sup>28</sup> Ler mais em: JOBOJI, Nadia Terumi. A importância do souvenir para o Turismo. Comunidade SEBRAE, s/d. Disponível em: <https://sebraepr.com.br/comunidade/artigo/a-importancia-do-souvenir-para-o-turismo>. Acesso em 26 dez.2022.

Geralmente, os turistas procuram peças e objetos que carregam uma carga cultural local. Sobre essa temática, Filho (2018), egresso do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da UNIPAMPA, apresenta um estudo realizado a partir de uma pesquisa de campo com 111 turistas (73% mulheres, 26,01% homens e 0,9% preferiram não informar). Segundo os resultados, 81,1% afirmam comprar souvenirs quando viajam; 88,3% consideram o souvenir importante como lembrança da viagem; e 91% acreditam que a compra de um souvenir com o nome da cidade visitada tem grande relevância. Embora a amostragem seja pequena, esses resultados fornecem indícios importantes para refletirmos, mesmo que minimamente, sobre o perfil dos turistas que visitam a fronteira.

Com base nessa pesquisa, é possível perceber que Jaguarão tem potencial para apresentar com qualidade recursos e atrações — evidentemente, sem descaracterizar a identidade local — suficientes para despertar sentimentos ao turista, consolidando seu possível retorno, a criação de vínculo e, por consequência, o compartilhamento com outras pessoas das experiências vividas no local. Nesta mesma lógica, podemos dizer que esses recursos são úteis na promoção de produtos e serviços, de forma a estabelecer vivências marcantes nas/nos turistas (Coelho, 2015). A atratividade de um destino turístico está diretamente relacionada à forma como os recursos serão apresentados e comercializados. Para minimizar os impactos negativos, isso deve ser feito com respeito à cultura local, seus símbolos e à comunidade.

### **3 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS: AS MULHERES DA CASA ECOSOL**

As narrativas das experiências, perpassando por elementos da vida pessoal, social, profissional, constituem as fontes que dão suporte para esta pesquisa. Nesse sentido, a ênfase metodológica está centrada em narrativas de artesãs e associadas à Casa da ECOSOL, registradas por meio de entrevistas, nas quais elas foram despertadas a falar de suas experiências de vida e trabalho a partir de um questionário<sup>29</sup> previamente elaborado e ressignificado, tal como previsto, a cada

---

<sup>29</sup>O roteiro incluiu questões básicas de cunho pessoal (exemplo: nome, data de nascimento, estado civil, naturalidade, profissão, formação intelectual e/ou profissional, etc) e de cunho profissional/social (exemplo: histórico como artesã e da Casa ECOSOL, tipos de artesanato que produz, razões que as levaram a participar da casa Ecosol, como elas percebem a gestão da casa Ecosol, conquistas e

encontro realizado. As entrevistas foram consentidas pelas interlocutoras, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas.

Nesta seção, será realizada a apresentação das artesãs, bem como a análise das entrevistas realizadas junto às mulheres da Casa da ECOSOL, articulando a partir dos eixos: apresentação das integrantes; História da criação e gestão do empreendimento; Desafios e conquistas do grupo, ressaltando suas formas de autonomia e fortalecimento no trabalho que exercem; Contribuição no âmbito do Turismo, com enfoque na relevância desse trabalho como fonte de renda e como uma representação cultural do município, na forma de *souvenirs*; e por último, a Representação da Casa ECOSOL na vida das interlocutoras.

### 3.1 APRESENTAÇÃO DAS INTEGRANTES

A Casa da ECOSOL é composta, até o momento das entrevistas, por quatorze integrantes — treze mulheres e um homem —, trabalhadoras com distintas realidades: pessoas que viram na economia solidária sua única fonte de renda, pessoas que desempenham funções num trabalho formal, pessoas que possuem empreendimentos informais, pessoas jovens, pessoas idosas, brasileiras em sua maior parte, mas também há uma uruguaia, pessoas que estão desde o início e outras que chegaram a pouco tempo... Em suma, mulheres que ao se envolverem com o artesanato perceberam que eram capazes de criar outra forma de viver a economia.

Entre essa gama de construção da ECOSOL em Jaguarão, foram realizadas conversas com sete mulheres, que compartilharam suas experiências. A maioria dos encontros (Roseli, Rosangela e Joceli) se deram na própria Casa da ECOSOL, onde fui recebida com todo carinho e atenção e pude sentar e entrevistá-las, bem como ver suas produções e fotografá-las junto às suas obras. Houve duas entrevistas feita por áudios no whatsapp (Taiane e Marilza) e uma outra realizou-se em meu local de trabalho, em que a artesã Yasmin se dispôs a ir ao meu encontro, já que eu havia voltado ao horário normal de trabalho, que coincide com o horário de funcionamento da casa.

A construção das narrativas biográficas se deu com base nas informações fornecidas pelas artesãs entrevistadas, organizando e integrando detalhes pessoais

---

desafios, demandas que acreditam ser mais urgentes, articulação com o Turismo, desejos futuros para o espaço, etc).

e profissionais para criar uma representação coesa de cada participante. Iniciei com a contextualização de suas origens e experiências iniciais, utilizando citações e descrições diretas para destacar aspectos importantes de suas trajetórias, tais como feitos e conquistas, envolvimento em projetos comunitários, atividades políticas, novas iniciativas profissionais, etc. Cada autobiografia foi construída respeitando o ritmo e as escolhas de cada uma durante o processo, o que explica a diferença na quantidade de detalhes compartilhados. A partir de suas próprias palavras, podemos ver como suas histórias se entrelaçam com suas contribuições à comunidade.

### 3.1.1 Cenilza Dreckmann

Figura 3: Cenilza Dreckmann



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Natural de Jaguarão, Cenilza nasceu em 8 de junho de 1971 e cresceu no campo, onde aprendeu o valor da dedicação e do trabalho árduo desde cedo. Quando se casou, mudou-se para a cidade, um novo começo que inicialmente não envolvia atividades profissionais fora de casa. No entanto, com o tempo, ela começou a trabalhar em um escritório, dando início a uma nova fase em sua vida.

A mudança para o Chuí trouxe novas responsabilidades e desafios, incluindo a chegada de seu filho. Foi nesse período que Cenilza começou a se envolver com o artesanato, desenvolvendo um interesse que cresceria ao longo dos anos. Sua jornada no Chuí foi marcada por pequenos projetos e o desejo de criar algo significativo. Quando retornou a Jaguarão, sua conexão com sua terra natal foi restaurada, e ela encontrou um novo caminho ao se unir à Associação dos Artesãos. Foi lá que Cenilza mergulhou no mundo do artesanato com intensidade, começando

com fio industrial e, ao longo do tempo, fazendo a transição para a lã. Este material tornou-se uma parte principal de sua prática artística.

Anos mais tarde, ela começou a participar da Casa ECOSOL, na qual motivou-se a permanecer, pois via que seus ideais eram semelhantes aos das artesãs associadas: "Os companheiros, os pensamentos e as coisas que são iguais aos meus, as pessoas combinam comigo. Então, é o mesmo pensamento, os mesmos ideais, então foi isso que mais me motivou a ficar aqui", reflete Cenilza sobre o que a mantém participando da Casa da Economia Solidária. A comunidade e os valores compartilhados com seus conterrâneos foram determinantes para sua decisão de participar e ajudar a criar a ECOSOL.

Em seus relatos, Cenilza compartilha que costumava ensinar um de seus filhos a confeccionar artesanatos, transmitindo para a nova geração as técnicas que ela mesma aprendeu ao longo de sua trajetória. Hoje, continua a tecer sua história através da lã, com uma profunda conexão com sua arte e com a comunidade que a rodeia. Em seu percurso, ela já recebeu premiações, reconhecimento por seu trabalho e empenho. Além disso, costuma participar de eventos, tais como a Feira Alternativa de Literatura e Artes da Fronteira, realizando conversas sobre artesanatos e oficinas para ensinar a arte de tecer a lã aos jovens das escolas. Ao ensinar a tecer, Cenilza mantém viva uma parte importante do patrimônio cultural de Jaguarão e inspira os jovens a explorarem o potencial criativo do artesanato.

### 3.1.2 Joceli Nunes Tardis

Figura 4: Joceli Nunes Tardis



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nascida em Jaguarão, Joceli Nunes Tardis cresceu no Cerro do Matadouro, onde sua infância foi marcada pelo contato com o mundo do artesanato, em grande

parte influenciada por sua mãe, Nina Tardis. Enquanto seu pai, Jorge Daci Ferreira, trabalhava na campanha, sua mãe se dedicava ao lar, criando um ambiente onde o aprendizado e a criatividade floresciam.

Desde cedo, Joceli se encantou com o trabalho manual de sua mãe, que fazia crochê e tricô. De acordo com a declaração da entrevistada: "Eu comecei olhando minha mãe. Ela fazia crochê e o tricô. E eu olhava. Eu pedia para ela me ensinar, ela diz que não, que eu olhasse e fosse fazer". Motivada pela curiosidade e pela vontade de aprender, Joceli começou com pequenos projetos, utilizando palitos para criar suas próprias peças. Juntamente com sua amiga Amanda, explorava técnicas como o tricô e o crochê, e logo passou a buscar novos conhecimentos sobre diferentes formas de artesanato, assistindo a vídeos e experimentando novas técnicas.

Com o tempo, Joceli diversificou suas habilidades, incorporando técnicas como ponto cruz e pintura em lixa de ferro. "Eu faço pintura na lixa de ferro, aquela lixa que usa para fazer [...], eu também pinto ali." A busca pela perfeição é uma marca registrada de seu trabalho; ela se dedica intensamente para que suas criações sejam cada vez melhores. "Eu gosto da perfeição, estou sempre procurando ela, pode ser que um dia encontro, eu acho".

Atualmente, Joceli vive exclusivamente do artesanato, uma escolha que reflete seu compromisso e paixão por sua arte. Sua jornada é uma prova do poder da dedicação e da busca incessante pela excelência, mostrando que, para ela, o artesanato é mais do que um meio de subsistência — é uma forma de vida.

### 3.1.3 Marilza Madeira

Figura 5: Marilza Madeira



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nascida em Jaguarão, no dia 20 de março de 1972, Marilza Madeira cresceu em um lar dedicado, filha de Eleci Garcia Madeira e Verley Francisco Madeira. Desde muito jovem, demonstrou um talento e uma paixão pelo artesanato. Com apenas 12 anos, começou a fazer crochê, uma atividade que rapidamente se tornou uma parte importante de sua vida. “Sempre vendi minhas peças, mas não sabia colocar preço e vendia baratinho”, lembra Marilza, refletindo sobre os desafios iniciais que enfrentou.

Sua jornada no artesanato evoluiu quando ela se mudou para Pelotas. Lá, aproveitou a oportunidade de participar de cursos de pintura e bordado de fita, ampliando suas habilidades e áreas de atuação. Esses cursos foram fundamentais para que ela aprendesse a valorizar seu trabalho, que agora é feito “com muito amor e dedicação”.

Além de sua paixão pelo artesanato, Marilza seguiu uma carreira acadêmica e profissional. Ela se formou em Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela Unipampa e, atualmente, divide seu tempo entre dois papéis: como funcionária pública no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo e como artesã. Marilza é mãe de dois filhos, Anderson Madeira Gonçalves, de 33 anos, e Carina Madeira de Oliveira, de 26 anos, com quem compartilha seu amor pela arte e pelo trabalho.

Hoje, a artesã complementa sua renda com seus artesanatos, uma prática que lhe traz satisfação e um senso de realização. Sua trajetória é um testemunho da dedicação e do compromisso com seu ofício, equilibrando a vida profissional com a paixão pelo trabalho manual.

#### 3.1.4 Rosângela Garcia

Figura 6: Rosângela Garcia



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nascida em 12 de julho de 1967, Rosangela tem 55 anos e vive no bairro Bela Vista. Desde jovem, ela se dedicou ao trabalho na cozinha, uma paixão que a acompanha ao longo de toda a sua vida. “A vida inteira eu sou cozinheira, é o que eu faço. Acho que desde que me entendo por gente eu sempre trabalhei na cozinha”, afirma Rosangela, refletindo sobre sua trajetória profissional.

Seu interesse por novas experiências a levou a se inscrever em um curso de chocolates e trufas no Clube 24. “Tinha curiosidade de saber como era, como fazia”, explica ela. Durante o curso, Rosangela conheceu Roseli e Silvana, que a apresentaram à Casa da Economia Solidária. Elas a convidaram a se juntar à Casa, e, mesmo inicialmente focada na culinária, Rosangela se aventurou no mundo do artesanato. “Eu disse para elas que o que eu sabia fazer mais era culinária. Daí fui me atrevendo a fazer umas coisinhas de artesanato”.

Rosangela está na Casa há três anos e, ao longo desse tempo, tem se dedicado a diversas técnicas de artesanato. Atualmente, ela se destaca em trabalhos com fuxico e macramê, e também faz chinelos. “Faço chinelos, vou te mostrar uns dos meus chinelos. Aqui está o tercinho todo em macramê”, diz ela, mostrando com orgulho o seu trabalho. A trajetória de Rosangela é um exemplo de como a paixão e a curiosidade podem abrir portas para novas oportunidades, enriquecendo sua vida e sua carreira de formas inesperadas.

### 3.1.5 Roseli Calvetti

Figura 7: Roseli Calvetti



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Filha da dona de casa, artesã e agricultora, Aracil Batalha Calveti e do agricultor, Leôncio Leandro Calveti, Roseli nasceu em 23 de maio de 1963, em Jaguarão. Seus pais moravam no campo, portanto sua formação educacional começou em uma escola rural na 4ª zona do Telho, na qual estudou até a 4ª série na extinta Escola Municipal Professora Luiza, transferindo-se posteriormente para a cidade para cursar a 5ª série.

Roseli Calveti é mãe de Isadora, e possui uma trajetória marcada pela dedicação à educação. Construiu uma sólida carreira como professora de Português e Literatura no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo, onde também assumiu a função de diretora. "Eu sou professora, hoje estou aposentada, professora e educadora", reflete Roseli, destacando seu compromisso com a formação e o aprendizado ao longo dos anos.

Após sua aposentadoria, Roseli sentiu a necessidade de encontrar uma nova forma de se engajar e contribuir para a coletividade. Ela sempre foi ativa em atividades comunitárias, influenciada pelo trabalho voluntário de seus pais. "Eu sempre participei muito de coisas que envolvessem a coletividade, foi uma vida inteira", diz ela, contando o envolvimento de seus pais em projetos comunitários e religiosos.

A busca de Roseli por um novo propósito a levou à Casa da Economia Solidária: "Eu tinha que achar alguma coisa que eu pudesse conviver em grupo, fazer alguma coisa em grupo", explica. E assim, encontrou no artesanato uma maneira de continuar seu trabalho com a comunidade: "O artesanato é uma coisa encantadora, uma coisa puxa a outra e a outra", afirma Roseli, revelando sua paixão por sua nova atividade. Na imagem acima, ela expõe os artesanatos de sua autoria.

Seu envolvimento com a política também foi marcante. Entre 2012 e 2015, Roseli foi eleita vereadora de Jaguarão, onde criou algumas leis, entre elas a lei do Programa de Fomento à Economia Solidária (Lei 5.999 de 21 de agosto de 2014). Esta lei visa incentivar "a difusão, a sustentabilidade e a expansão econômica [...] empreendimentos de autogestão que compõem o setor desta economia popular e solidária" e propõe a "construção do Sistema Municipal de Economia Solidária" (Jaguarão, 2014, p. 01). Durante seu mandato, Roseli também assumiu o cargo de Secretária de Educação e Desporto do município por nove meses, coordenando atividades pedagógicas e administrativas.

Atualmente, Roseli se dedica ao artesanato na Casa da Economia Solidária, onde valoriza especialmente o trabalho com mulheres. “O que me encanta no trabalho aqui é porque a maioria é mulheres”, diz ela, vemos a partir dessa fala, o empoderamento feminino através da cultura e da renda extra proporcionada pelo artesanato.

### 3.1.6 Yasmin Centeno

Figura 8: Yasmin Centeno



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Yasmin Centeno nasceu no dia 11 de novembro de 1991, filha de um professor e de uma artesã. O vínculo com o artesanato vem de suas raízes familiares, com sua avó, Maria Odete, desempenhando um papel fundamental na promoção desta arte. “Vem da minha avó. Porque minha avó deu muita aula, muito curso aqui na cidade com lã”, conta Yasmin. Sua mãe aprendeu com a avó e, embora Yasmin tenha aprendido um pouco sobre técnicas como lavagem e cardagem, o artesanato não seguiu com ela de imediato.

A introdução de Yasmin no artesanato ocorreu em um momento de necessidade pessoal. Em 2016/17, a ansiedade provocada pela faculdade a levou a buscar uma forma de terapia: “o artesanato entrou na minha vida porque eu comecei a sentir muita ansiedade. A faculdade me trouxe muita ansiedade”, explica Yasmin. Ela começou a costurar e trabalhar com feltro, inicialmente fazendo pequenos chaveiros. O sucesso das suas criações foi inesperado, e “quando eu vi já tinha uma caixa de chaveiros prontos”. Na figura 8, vemos ela e alguns dos seus artesanatos.

O ponto de virada veio quando sua tia sugeriu vender os chaveiros na Praça. Foi então que Carminha, uma conhecida, a apresentou à Casa da Economia Solidária. “Aí ela disse: Ah, a gente tem uma Casa com mensalidade... se tu quiser conhecer e dar uma olhada”, relata Yasmin. Em início de 2019, Yasmin se associou à Casa, começando a desenvolver suas habilidades e a vender seus produtos.

O artesanato, que começou como uma terapia, evoluiu para uma profissão para Yasmin, ajudando-a a concluir sua graduação em Licenciatura em História pela Unipampa. Atualmente, ela está no Programa de Pós-graduação em Educação, também na Unipampa, conciliando sua paixão pelo artesanato com seus estudos acadêmicos. “Tudo começou como uma terapia ocupacional para mim porque eu sentia muita ansiedade”, reflete Yasmin, destacando como a arte moldou sua trajetória pessoal e profissional.

### 3.1.7 Taiane Alanis Born

Figura 9: Taiane Alanis Born



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Taiane Alanis Born, de 43 anos, é uma agricultora que reside na zona rural de Jaguarão. Filha de Iraci Alanis Born, doméstica, e de Elizardo Martins Born, pedreiro, Taiane é graduada em Ciências Sociais e possui pós-graduação. Casada e mãe de dois meninos, Luan Born Lenz, de 15 anos, e Luciano Born Lenz, de 12 anos, ela tem se dedicado a um caminho profissional que une suas paixões e valores pessoais.

A trajetória de Taiane na ECOSOL começou com sua imersão na agricultura familiar e culinária artesanal: “O meu produto são os licores” (na foto acima, vemos

ela com três licores), explica ela, detalhando sua atuação nesses dois eixos. Depois de um período de ausência do mercado de trabalho por questões pessoais, Taiane decidiu retornar de uma forma não convencional, buscando uma alternativa que a libertasse do comércio convencional: “Eu queria fazer algo que fosse diferente que não me prendesse nas regras comerciais”, afirma.

Sua paixão por feiras e por projetos solidários sempre foram evidentes: “Eu lembro que durante o tempo que eu estava em casa, eu participava, passei pela Feira, me encantava com aquele projeto”, revela Taiane. Quando surgiu a oportunidade, ela decidiu construir um projeto que refletisse não apenas sua paixão, mas também seu compromisso com a educação ambiental e o resgate de técnicas antigas.

Os licores de Taiane são produzidos com receitas familiares que foram aprimoradas ao longo dos anos, utilizando frutas nativas do Sul. “A ideia seria começar a debater, trazer a ideia da chácara Imbira [...] e a gente queria falar sobre a educação ambiental, o cuidado com a natureza”, explica. A produção de licores resgata tradições familiares, e também destaca a importância do uso sustentável dos recursos naturais disponíveis.

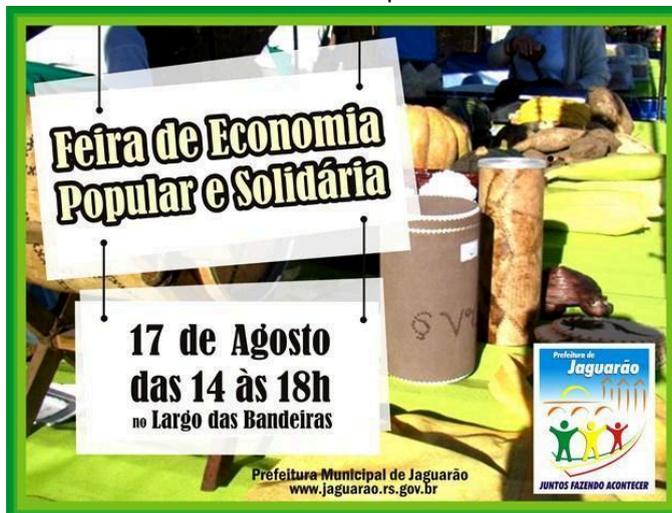
### 3.2 EMPREENDEDORISMO FEMININO: CRIAÇÃO E GESTÃO DA CASA ECOSOL EM JAGUARÃO

As entrevistadas relatam que a Casa da ECOSOL teve seu nascimento atrelado às feiras organizadas pela Prefeitura Municipal de Jaguarão. Essas feiras eram, inicialmente, realizadas aos domingos no Largo das Bandeiras. Com o passar do tempo, passaram a ocorrer nos primeiros sábados do mês, na Praça Alcides Marques, localizada no centro de Jaguarão.

Esses eventos reuniam empreendimentos de pessoas vindas de bairros periféricos, do centro da cidade e também de áreas rurais, promovendo um espaço de integração e valorização da produção local. Na feira ilustrada pelo cartaz disposto abaixo (Figura 10), por exemplo, havia, de acordo com Taiane Alanis, dezenove expositores confirmados, representando tanto o meio urbano quanto o rural. Esses encontros foram importantes, tanto pelas oportunidades comerciais, como por possibilitar momentos de fortalecimento da ECOSOL, e, portanto, de troca

sociocultural entre as e os participantes. A construção da Casa da ECOSOL se deu a partir do envolvimento nesses espaços.

Figura 10: Cartaz de umas das primeiras Feiras de Economia Popular e solidária organizadas pela Prefeitura Municipal - 2014



Fonte: Prefeitura Municipal de Jaguarão. Disponível em: <https://www.jaguarao.rs.gov.br/domingo-tem-feira-de-economia-popular-e-solidaria-na-praca/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Nesse sentido, Taiane, uma das fundadoras da Casa da ECOSOL, traz seu relato acerca da história que deu origem a Casa:

A gente fazia Feira nos primeiros sábados do mês, eu acho, na Praça do Centro da cidade. A ideia era que a gente pudesse ter um local que as pessoas encontrasse aqueles produtos também durante a semana. Aí começou com o debate do Fórum da Economia Solidária, seria uma entidade maior, que seria quem agregaria todas essas Associações, Núcleos, Grupos, individuais que produz na cidade. E aí nos debates do Fórum, surge essa possibilidade de locar uma sala. Aí desde então, a gente já veio direto para essa sala que a gente está hoje no Círculo Operário, e começou na época acho com 10, 11, posso até depois ver direitinho para ti, se não me engano em fevereiro de 2017. (Taiane Alanis. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

Como vimos no relato, anos depois das feiras propiciadas pelo Município, trabalhadoras e trabalhadores passam a se organizar de forma autônoma e aos poucos percebem a necessidade de constituição sólida das suas atividades. Através de uma rede articulada, empreendedoras e empreendedores se unem em prol de conseguirem um local fixo e assim, poderem oferecer seus produtos, cotidianamente, à comunidade e as/aos visitantes da cidade. A artesã Roseli Calvetti, nos conta que local escolhido para ser a Casa da ECOSOL, se deu por conta de fatores históricos: “é um espaço com esse olhar multicultural, porque tem

um anfiteatro, tem a SIC que já está aqui, que é toda voltada à cultura. Então, aqui já foi palco de muita coisa na área da cultura, então a gente pensou: é o Círculo!”. Na imagem abaixo está a fachada do Círculo Operário:

Figura 11: Círculo operário de Jaguarão



Fonte: Mapio.net. Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-88962905/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Deste modo, sob o objetivo de incentivar e fomentar a construção de empreendimentos solidários de economia popular, nasce, em 2017, a Casa da ECOSOL, inserida até início de outubro de 2023 na sala 2 do Círculo Operário (Figura 11), localizada na rua Marechal Deodoro, nº 377, bairro centro. Na Figura 12, vemos a porta de entrada da sala na qual o espaço funcionou por quase sete anos:

Figura 12: Entrada da Casa Ecosol no Círculo Operário.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

De outubro de 2023 em diante, o espaço está localizado na Rua Andrade Neves, 763, próximo ao Banco Banrisul, lugar mais próximo do centro administrativo da cidade. A mudança de endereço foi motivada pelo desejo das artesãs de ficarem mais próximas ao centro, onde há maior circulação de turistas, conforme mencionado nas entrevistas de Joceli e Rosangela (realizadas em julho de 2022). Esse desejo se intensificou após o fechamento da rua que dava acesso à Escola Carlos Alberto Ribas - CECAR, devido ao risco de desabamento do prédio<sup>30</sup>. O bloqueio dificultou ainda mais o acesso à Rua do Círculo Operário, onde a Casa estava anteriormente, obrigando as pessoas a fazerem uma volta completa na quadra, o que reduziu expressivamente o movimento. Por isso, a mudança para uma localização mais central se tornou uma necessidade para facilitar o acesso e aumentar a visibilidade do grupo.

A Figura 13 apresenta a fachada do prédio alugado pela Casa da ECOSOL, enquanto que a 14 mostra como é o espaço por dentro, (ambas fotografias foram tiradas em novembro de 2024):

Figura 13: Fachada do prédio atual.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 14: A Casa da ECOSOL por dentro.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com base na entrevista da artesã Roseli Calvetti, apresentamos abaixo um quadro com as integrantes e seus respectivos empreendimentos artesanais:

---

<sup>30</sup> Maiores informações sobre o fechamento da rua em que o prédio da Escola CECAR está, encontram-se disponíveis neste link: [https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/jornal\\_cidades/2020/10/762678-predio-de-escola-estadual-corre-o-risco-de-desabar-em-jaguarao.html](https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/jornal_cidades/2020/10/762678-predio-de-escola-estadual-corre-o-risco-de-desabar-em-jaguarao.html). Acesso em 17 nov.2024.

**Quadro 2 – Integrantes da Casa ECOSOL - Julho/2022.**

| <b>Participante</b>     | <b>Nome do Empreendimento</b> | <b>Artesanato</b>                                       |
|-------------------------|-------------------------------|---|
| Nilma Silveira          | Tradição do campo             | Lã  |
| Cenilza Dreckmann       | As Cardadeiras                | Lã  |
| Joceli Nunes            | NT artes                      | Lã  |
| Madalena Ferreira       | Artes Lena                    | Pintura em tecido<br>Patchwork<br>Lã                    |
| Carmem Araujo           | Cheiro de maria               | Fragrâncias   |
| Mara Veiga              | MadeirArte                    | Artesanatos em madeira                                  |
| Roberto Moraes          | MadeirArte                    | Artesanatos em madeira                                  |
| Taiane Alanis           | Chácara Imbira                | Licor e mel   |
| Cláudia Lopes           | Cáca Artesanatos              | Confecção de bonecas, de tocas, de agendas, de cadernos |
| Yasmin Centeno          | Penduricalhos                 | Feltro  |
| Roseli Calvetti         | Roseli Arte                   | MDF, com vidro, com lembranças de Jaguarão, com gesso.  |
| Maria Del Carmen Correa | Arte e Poesia                 | Vasos, bandejas, placas em cimento.                     |
| Adriana Sabbado         | Sonho e criação               | Laços, tiaras, empadas, trufas, etc.                    |
| Rosângela               | Dona delícia                  | Feltro, fuxico e doces em geral.                        |
| Marilza Madeira         | M artesanias                  | Pintura em tecido<br>crochê<br>tricô<br>Empadas         |

Fonte: Elaboração própria.

Construída e protagonizada por pessoas de variadas idades e realidades, nesta sala, é possível encontrar diversos tipos de artesanatos: *souvenires* com nome da cidade e de pontos histórico-turísticos; alimentos como empadas; mudas de árvores e flores; fragrâncias; bebidas como licores, guardanapos bordados, bolsas, chaveiros, telas com pinturas a óleo, porta objetos, camisetas, ponchos, toucas, brincos, colares, pulseiras, carteiras, mandalas, enfeites em geral, etc. E as participantes, sempre que são convidadas à participar de eventos da cidade e/ou de outras cidades, elas levam seus produtos para exposição e comercialização. Abaixo

um exemplo de *souvenir* que estava no evento Jaguararte, organizado pela Sociedade Independente Cultural - SIC:

Figura 15: Mostra artesanal no Jaguararte 2024.



Fonte: Facebook da Casa da ECOSOL, disponível em: <https://www.facebook.com/ecosolcasa>. Acesso em 17 nov.2024.

O espaço se caracteriza por ser aberto e receptivo. Nas palavras de Cenilza, “qualquer pessoa que queira participar da Ecosol pode participar da Ecosol. Não é só para um grupo de artesão, tem agricultura familiar, tem a gastronomia também e é aberto a todos”. Ou seja, a casa é marcada por caber tudo o que se desejar e agrega a todas as pessoas que aderem ao modo solidário de viver a economia.

A Casa é integralmente gerida por quem dele faz parte, portanto, quem passa a trabalhar lá estará ligada a grupos de gestão que vão sendo modificados de maneira a fazer toda a equipe circular por todos os grupos:

Bom, aqui nós temos grupos de gestão, a gente tem coordenação geral e grupos, tem o grupo da comunicação, tem o grupo das finanças, tem vários grupos e a gente diz que, na verdade, fizemos essas coordenações que oscilam, que mudam, temporárias, que é pra todo mundo passar por aqueles cargos. (Roseli Calvetti. Entrevista realizada em 22 jul.2022).

O trecho apresentado reflete uma organização baseada em princípios de rotatividade e coletividade, características fundamentais da ECOSOL. A fala da artesã Roseli Calvetti destaca a estrutura interna do empreendimento, em que há uma divisão de responsabilidades entre diferentes grupos temáticos, como comunicação e finanças. Essa abordagem aponta para um modelo de gestão

horizontal, no qual as funções não são permanentes, mas sim, temporárias e rotativas. Essa dinâmica indica a busca por maior participação coletiva e equidade, permitindo que todas as associadas experimentem diferentes papéis e compreendam melhor o funcionamento da entidade como um todo (Singer, 2002).

Nesse formato, as artesãs são incentivadas e apoiadas em seu desenvolvimento de habilidades administrativas. No relato de Yasmin, vemos como se dá o funcionamento das equipes e percebemos, em sua narrativa, que tudo é feito de maneira a oferecer o melhor ambiente de trabalho para as artesãs:

Então, nós somos hoje acho que umas quatorze artesãs. A gente faz a escala, eu faço a escala semanal, eu sou responsável pela escala. Agora a gente está abrindo de manhã e de tarde. Aí fica uma, às vezes fica duas atendendo na loja ali. Tem algumas das meninas que não gostam de ficar sozinha, então escala duas. Mas geralmente sempre tem gente na Casa, e todas nós a gente faz escala, com exceção da dona Nilma que está com a mãe e o marido doente, então não tem feito escala, mas ela também é muito presente na Casa. E aí a gente tem, por exemplo, a Carminha ela é responsável pelas redes sociais. Então, a gente tira foto dos nossos produtos, ela tem o Facebook e Instagram da Casa que ela que alimenta. Faz as postagem, as coisas tudo. Aí tem a Marilsa e a Taíane que são da contabilidade, quando entra sai o produto. A Marilsa faz o pagamento, a Taíane é responsável pelas taxas das maquininhas que a gente tem, trabalha com cartão também, tem que ter isso. Então, como a gente ainda não tem CNPJ, está lutando com isso, tudo está com a Taíane e aí a Taíane passa para Marilsa. A Marilsa confere e faz o pagamento. E tem a coordenação que é eu e a Cenilza. **Mas ali ninguém faz nada sem todo mundo dá palpite ali dentro. Eu sou assim, eu jogo no grupo, o que vocês acham? Se todo mundo concordou, então é isso que a gente vai fazer.** (Yasmin Fagundes Centeno. Entrevista realizada em 28 jul.2022, grifo nosso).

Através desta fala, vemos que a prática concebida nesse formato de trabalho é totalmente contrária ao modelo propugnado no capitalismo, no qual “o poder de mando na empresa capitalista está concentrado totalmente (ao menos em termos ideais) nas mãos dos capitalistas e dos gerentes por eles contratados” (Singer, 2002, p. 83). Posto que as relações de trabalho são baseadas em coletividade, bem-estar e dignidade humana. Yasmin nos relata que cada qual tem uma função, e que quem não as pode realizar por motivo maior tem sua necessidade provida de maneira comunitária, isto é, as trocas solidárias não se dão apenas em caráter financeiro, elas são exercidas com justiça no ponto de vista social e, ainda que coletivas, cada uma é compreendida na sua individualidade. Tal como aponta, Singer, os princípios

básicos da ECOSOL são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. (Singer, 2002, p.10).

Sendo assim, o bem-estar das artesãs é algo considerado importante pelo grupo. Se algumas não se sentem à vontade para realizar o atendimento sozinhas, a escala é ajustada para que trabalhem em dupla, respeitando essa preferência. Esse ajuste na escala demonstra a preocupação com o conforto e a segurança das artesãs, valorizando o bem-estar individual e promovendo um ambiente de trabalho acolhedor e adaptado às necessidades pessoais de cada uma. Essa percepção de apoio mútuo, reforça o compromisso da organização com uma gestão humanizada e colaborativa, na qual cada artesã se sente amparada e respeitada.

Sem exploradores ou explorados — característica importante da ECOSOL (Tauile; Rodrigues, 2004) — a gestão financeira é cautelosamente organizada. Há o livro caixa, onde se coloca o produto vendido, o valor e o nome da artesã, de modo que ao final da semana todos os produtos vendidos sejam devidamente pagos às respectivas artesãs, assim como nos conta Yasmin:

Lá por quinta-feira é a escala da Marilisa, daí ela vê confere todo o caderno, porque a gente tem um livro caixa, ali que a gente coloca o que foi vendido, o valor e o nome da artesã do empreendimento. Aí ela confere, por exemplo, segunda foi vendido alguma coisa da Cenilza, na terça da Rosângela, aí ela confere tudo que foi vendido. Na quinta-feira, que é o dia da escala dela, que é o dia que ela vai que ela vai terça e quinta, ela seleciona ali, a Cenilza vendeu R\$50,00, bom tirei R\$50,00 do caixa e coloquei no envelope da Cenilza. Registra ali, pagamento, tal coisa, Cenilza no envelope. Porque cada uma de nós tem um envelope onde é registrado o pagamento e quando a gente retira o dinheiro do envelope a gente assina. A gente assina no envelope que a gente tem e no livro. Então, toda semana é feito o pagamento. Se tem venda tua no final da semana, tu vai receber. (Yasmin Fagundes Centeno. Entrevista realizada em 28 jul.2022)

Fazendo uma gestão comunitária, na qual, nas palavras da artesã Joceli: “ninguém faz nada sem todo mundo dá palpite”, palavras que corroboram com todas as associadas, se enquadra no que o autor define que: [...] A propriedade da empresa é dividida por igual entre todos os trabalhadores, para que todos tenham o mesmo poder de decisão sobre ela. (Singer, 2002, p. 83). Isto é, cada qual tem a responsabilidade de gerir o local, desde a limpeza até a venda dos produtos.

Consonante à solidariedade característica da Casa, neste espaço, também foi oferecido, por alguns anos, outra forma de consumo sustentável, alternativa ao

mercado comum de alimentos: a Feira Virtual Bem da Terra<sup>31</sup>. O Bem da Terra é uma iniciativa que objetiva modificar a relação cultural das pessoas e seus alimentos, reforçando a participação de todas as pessoas envolvidas, seja como produtor, seja como consumidor ou ainda podendo ser ambos. Esta foi acolhida pela Casa e as artesãs auxiliavam no recebimento das mercadorias, separação dos itens comprados pelo site, bem como, retirada e pagamento das compras. Fato que depois de um certo tempo, acabou trazendo uma sobrecarga para o grupo e assim, a Feira foi para outro local. A parceria entre ambos os espaços não terminou por conta da troca de local, pelo contrário, a Casa continua participando das ações da Feira e vice-versa.

E falando em feiras, as artesãs frequentam muitas feiras e outros tipos de eventos culturais, tanto em Jaguarão, como em Rio Branco, e também em outras cidades quando são convidadas a levar seus artesanatos:

Como Casa da Ecosol participamos da feira do mercado realizada pela prefeitura no segundo sábado do mês, Da festa de São Jorge realizada pela mãe Nice de Xangô, e em outros eventos para os quais somos convidados e individualmente na feira do Sindicatos dos trabalhadores rurais e outros. (Marilza Madeira. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

A artesã Marilza destaca a importância de sua participação em diversos eventos e parcerias com organizações e instituições locais em Jaguarão, como o Mercado Público Municipal, o Ilê Axé Mãe Nice de Xangô e a Feira do Sindicato de Trabalhadores Rurais, para onde a Feira Virtual Bem da Terra foi transferida. Essas colaborações exemplificam como o artesanato pode se entrelaçar com diferentes aspectos da vida comunitária e econômica.

A ECOSOL, um conceito que preza por uma economia baseada na colaboração e na autogestão, é particularmente favorecida por meio dessas feiras e parcerias. Nesse sentido, esta economia promove a integração social, cultural e

---

<sup>31</sup> O Bem da Terra - Comércio Justo e Solidário, tal como está escrito no site da UFPEL, é uma "rede de redes" que articula diversas iniciativas para fortalecer a economia solidária. Desde 2009, conecta 24 empreendimentos com 195 produtores (urbanos e rurais) e conta com o apoio de incubadoras acadêmicas de universidades da região de Pelotas e sindicatos de trabalhadores locais. O objetivo é consolidar um Circuito Local de Comércio Justo e Solidário (CLCJS), que se expressa na Feira Mensal de Economia Solidária e na Feira Virtual Bem da Terra, permitindo encomendas pela plataforma do Portal Cirandas, com retirada semanal em um centro de distribuição. O programa busca expandir essa economia local, garantindo sua viabilidade autônoma por meio de formação, assessoramento e sensibilização de novos participantes. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL). **Projeto Bem da Terra - Comércio Justo e Solidário**. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u426>. Acesso em: 15 nov. 2024.

econômica sustentável através de práticas que valorizam a solidariedade e a comercialização de produtos artesanais. A comercialização de produtos artesanais dentro desse contexto reforça a ideia de uma economia que vai além das transações comerciais tradicionais, incentivando a construção de redes de apoio e colaboração mútua. As parcerias com instituições como o Ilê Axé Mãe Nice de Xangô e o Sindicato de Trabalhadores Rurais ilustram o papel das organizações na promoção de práticas econômicas alternativas e sustentáveis. Essas colaborações ajudam a fortalecer o tecido social e econômico local, proporcionando uma plataforma para que o artesanato e a ECOSOL prosperem de maneira integrada e solidária.

No que diz respeito aos desafios do grupo, foi unânime: todas se reportam as dificuldades nas vendas, como mostra o depoimento abaixo:

As dificuldades é para as vendas, as pessoas não dão valor ao artesanato. Aí é difícil e agora nesses dois anos foi mais difícil ainda, a gente não podia sair na rua. Mas, agora começou a melhorar. Os meus produtos de lã, esses aqui vendem mais nas Feiras, nas Feiras que tem no Sindicato de meia lã aí vende, na rua também. Agora a gente não está saindo tanto para fora da cidade. Porque fora da cidade também vende. Eu estou por botar na internet, mas...Eu tenho medo de botar depois de não saber como mandar para as pessoas. (Cenilza Dreckmann. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

Cenilza acredita que há dois motivos para não avançarem tanto nas vendas: o primeiro está ligado à pouca valorização que as pessoas em geral dão ao artesanato, e o segundo foi instigado pelo período pandêmico, momento em que não foi possível utilizar os espaços públicos de circulação de pessoas para realizar feiras e participar de atividades culturais. Ainda assim, Cenilza percebe uma melhora recente, destacando que seus produtos, especialmente os feitos de lã, têm maior aceitação em feiras locais.

A artesã citada reconhece o potencial de expandir suas vendas para além de Jaguarão, utilizando para isso a internet, mas expressa insegurança quanto às exigências logísticas do comércio digital, como o envio dos produtos. Esse depoimento mostra a necessidade de capacitação e apoio estruturado para integrar as pequenas empreendedoras às novas formas de comercialização, como o *e-commerce*, e ampliar suas oportunidades de mercado. A fala de Cenilza foi corroborada pelas companheiras Joceli, Rosangela, Roseli e Yasmin.

A pandemia de COVID-19 foi apresentada pelas entrevistadas como uma problemática significativa enfrentada pelo grupo. Marilza aborda que, devido a

pandemia, “esses eventos para os quais a Casa da Ecosol era convidada diminuíram bastante, e isso prejudicou muito as vendas realizadas pelos empreendimentos, ocasionando a saída de muitos integrantes nesse período”. Indo ao encontro de Cenilza, Marilza enfatiza que a diminuição das oportunidades de visibilidade e comercialização durante a pandemia não apenas afetou a renda dos artesãos, mas também desestabilizou a dinâmica e a coesão do grupo. A ausência de eventos presenciais e feiras foi um desafio considerável, uma vez que essas atividades eram essenciais para promover o trabalho dos artesãos e atrair novos clientes. Essa combinação de fatores — desde a falta de valorização até os impactos diretos da pandemia — criou um cenário difícil para o avanço das vendas e o crescimento sustentável dos empreendimentos da Casa da ECOSOL.

Sobre a importância da remuneração proporcionada pela Casa da ECOSOL, as falas de Cenilza e Marilza refletem como a ocupação remunerada impacta a autoestima das pessoas. Cenilza destaca que a possibilidade de obter uma remuneração através do artesanato oferece mais do que uma simples compensação financeira. Ela aponta que “o artesanato te dá uma autoconfiança”, já que o dinheiro gerado pela venda dos produtos é um resultado do seu próprio esforço e criatividade: “O artesanato te dá uma autoconfiança. Porque tu tem o dinheiro, já dá uma autoestima, já é teu, tu não pediu para ninguém. Porque mesmo que tu faz um par de meia, uma boina, uma coisa pequena, é tu que fez, tu vendeu e tem dinheiro”. Isso evidencia como a remuneração contribui para a valorização pessoal e a sensação de realização. A capacidade de transformar uma criação artesanal em um produto vendido fortalece a autonomia e a confiança das artesãs, permitindo-lhes sentir que seu trabalho é reconhecido e valorizado.

Essas perspectivas sublinham a importância de uma ocupação remunerada que venha para garantir a sustentabilidade econômica das artesãs, bem como para promover a autoestima e o engajamento contínuo com a comunidade. A remuneração, ainda que modesta, proporciona um ciclo positivo de desenvolvimento pessoal, coletivo e profissional.

Observa-se que, apesar das dificuldades enfrentadas, a Casa da ECOSOL tem demonstrado notável resiliência e capacidade de reinvenção ao longo dos anos. A organização continua a se adaptar e a buscar novas oportunidades para fortalecer sua presença na comunidade. Uma das estratégias para atingir esse objetivo foi a mudança para um local mais central, algo planejado desde 2022, quando foram

feitas as entrevistas. Anos mais tarde, ao retomar a conversa com as artesãs em outubro de 2024, elas relataram um aumento significativo tanto na visibilidade da Casa da ECOSOL na cidade, quanto nas vendas, já que o novo espaço, aberto em 2023, torna-se mais acessível, por ser central, e atraente para um público mais amplo.

### 3.3 CONTRIBUIÇÃO NO ÂMBITO DO TURISMO

O Turismo movimenta-se por uma ampla gama de fatores, incluindo aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, ecológicos, entre outros. Nesse contexto, a mobilização da ECOSOL gera impactos alinhados a esses fatores, afetando tanto o cotidiano das comunidades locais quanto a dinâmica dos turistas. A ECOSOL, de acordo com as pesquisadoras Medeiros *et al* (2017, p.43) “está relacionada com o turismo através da produção de produtos advindos de empreendimentos econômicos solidários e venda direta ou indireta de tais produtos aos turistas”. Estes, por sua vez, buscam conhecer a história da cidade e, geralmente, fazem isso através do contato com experiências únicas que o local pode oferecer e também, como dito acima, pela via do comércio.

Os *souvenirs*, por exemplo, além de servirem como recordações de experiências vividas durante uma viagem, também desempenham o papel de presentes significativos. Eles permitem que as pessoas agraciadas se sintam, de alguma forma, conectadas a momentos importantes vivenciados por quem os oferece. Nesse sentido, Medeiros *et al.* (ibid), destaca que a abordagem de unir ECOSOL e Turismo, representa uma estratégia para incluir as populações de baixa renda no setor turístico, alinhando-se à perspectiva do “Turismo Pró-Pobre”. Esse conceito, idealizado pela Organização Mundial do Turismo, busca promover o envolvimento de comunidades vulneráveis em atividades turísticas, de maneira a garantir benefícios econômicos e sociais diretos para essas populações.

Na Figura 16, vemos alguns artesanatos que reforçam essa relação entre a Casa da ECOSOL e o Turismo local. Os artesanatos trazem pontos turísticos de reconhecidos patrimônios da cidade, tais como: Mercado Público, Praça Comendador Azevedo, o nome da cidade com um coração, plaquinhas com nomes de destacados patrimônios (Teatro Esperança, Ponte Internacional Mauá, Enfermaria Militar, Casa de Cultura Pompílio Neves, Clube 24 de Agosto, Praça Dr.

Alcides Marques, etc), entre outros enfeites que servem, tanto para jaguarenses, como para viajantes que compram para guardar e/ou presentear.

Figura 16: Artesanatos com a temática da cidade.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A artesã Cenilza, em sua entrevista, enfatiza a autenticidade e a narrativa por trás dos produtos artesanais como elementos atrativos para as e os visitantes. Assim como também, apresenta a necessidade de comprometimento institucional e social, para buscar assegurar a valorização e apoio aos espaços que trabalham em contato direto com turistas:

Turismo é importante. Porque às vezes vêm as excursões. A gente podia ter mais propaganda lá na Ponte para nos conhecer. Algum guia de Turismo para trazer as pessoas aqui. Porque às vezes não é a compra, eles veem, podem só olhar. Mas, aí vai no boca a boca, já vai se conhecendo. Porque o principal é o conhecimento, o pessoal nos conhece aqui, já vão passando para outros interessados. (Cenilza Dreckman. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

Cenilza menciona a importância de mais propaganda em locais estratégicos, como na Ponte Internacional Mauá, pois atua como um ponto de passagem para as e os visitantes. Até aproximadamente 2018, Jaguarão contava com o Centro de Apoio ao Turista (CAT), estrategicamente localizado na rua de acesso à Ponte Internacional Mauá. Esse espaço também servia como campo de atuação para estagiárias e estagiários do curso de Turismo da Unipampa, desempenhando o papel de acolhimento de visitantes e de promoção turística da cidade. No entanto, em consulta à turismóloga da cidade, Edilayne Tavares, foi informado que o motivo do fechamento do CAT é desconhecido. Segundo Edilayne, quando assumiu seu

cargo, o local já estava desativado, sem informações claras sobre os fatores que levaram ao encerramento de suas atividades.

Em relação a fala de Cenilza, a artesã apresenta uma compreensão de que a sustentabilidade do Turismo depende de uma rede de apoio mais ampla. A ideia de que Guias de Turismo poderiam trazer pessoas para conhecer a Casa da ECOSOL demonstra uma visão proativa em relação à colaboração com profissionais do Turismo, ressaltando a importância de conectar turistas a experiências locais. Ela também aponta que "o principal é o conhecimento", refletindo uma compreensão de que o Turismo vai além da simples compra de produtos, envolvendo uma rica troca de experiências.

A menção ao "boca a boca" mostra o reconhecimento da relevância das recomendações pessoais na promoção do destino. Nesse sentido, a artesã indica que as experiências das e dos visitantes são um meio poderoso de divulgação e que o fortalecimento de vínculos pessoais pode aumentar o interesse e a visitação. Ao sugerir que turistas que visitam o espaço podem apenas olhar, ela propõe uma abordagem aberta ao Turismo, permitindo que as pessoas se familiarizem com a cultura local, o que pode levar a um aumento no número de defensores do espaço, que compartilharão suas experiências com outras pessoas.

Todas as entrevistadas reiteram a importância da rede de apoio para fomento do Turismo e dos atrativos que servem para chamar atenção do que é produzido pelas pessoas da cidade. Órgãos públicos, incluindo a Prefeitura Municipal e a UNIPAMPA, assim como, outras instituições organizadoras de eventos são destacadas como importantes para auxílio no desenvolvimento de espaços solidários, como vemos abaixo:

A Prefeitura, acredito que teve outros momentos que foi mais parceiro, depende do secretário que está na Pasta. Mas fizemos grandes eventos com a Prefeitura, Feira do Livro, Moto Fest, sempre foi muito legal, a gente sempre quis ter um espaço com melhor visibilidade, a gente sempre fica num cantinho. Mas a Moto Fest sempre é muito legal para nós, porque é um evento de vários dias, a gente precisa criar toda uma estratégia, eventos no teatro, tem o Dança Jaguarão ali com Yuni, que sempre nos convidam também. [...] A UNIPAMPA, foi muito legal uns eventos que a gente fez na UNIPAMPA, saudades, inclusive, daqueles momentos por lá. Foram vários, a gente fez em outros Municípios também, Pedro Osório, a Festa da Melância, a gente participou, não com o grupo todo, mas parte do grupo. Porque a gente sempre tem opção, a gente participa de Feiras, como individualmente ou depende do espaço que tem, faz a mesa coletiva que a gente chama, aí a gente leva um pouquinho de cada um e faz o revezamento no atendimento. Então, é bem legal. Se é uma Feira que tem bastante espaço, a gente pode levar, cada um que quer ir leva bastante do

seu produto e monta um espaço específico para si. E aí vai dependendo do formato. É muito interessante. O Mercado público a gente tem participado também bastante. Desde que começou a Feira o pessoal tem conseguido ir. Tem algumas que vão individual, mas a gente sempre tenta manter uma mesa coletiva representando a loja. (Taiane Alanis. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

Na entrevista, Taiane reforça a relevância de parcerias institucionais e eventos para a valorização e visibilidade dos empreendimentos solidários em Jaguarão. Ela destaca a importância de iniciativas como a Feira do Livro, Moto Fest e eventos culturais no Teatro Esperança, que proporcionam oportunidades para a divulgação do trabalho artesanal da comunidade. A variação no apoio da Prefeitura, mencionada pela artesã, aponta para a necessidade de uma gestão pública mais consistente e articulada, que compreenda o impacto positivo dessas ações na economia local e na inclusão social.

Os eventos realizados na UNIPAMPA também são citados com nostalgia, evidenciando como parcerias com instituições de Ensino Superior podem oferecer visibilidade a partir da conexão a outros públicos e contextos regionais. A prática de organizar mesas coletivas em feiras é outro ponto destacado, apresentando uma estratégia de fortalecimento da identidade coletiva das artesãs, ao mesmo tempo em que respeita e incentiva a autonomia individual de cada participante.

Outra questão interessante, é a menção ao Mercado Público como espaço de comercialização reforça o papel desses ambientes tradicionais como pontos de interação entre os produtores locais e o público, seja da própria cidade ou turistas. Dessa forma, percebe-se que o apoio a eventos e a criação de espaços apropriados são fundamentais para a sustentação dos empreendimentos solidários, fortalecendo a conexão entre a cultura local, economia e o Turismo.

O relato de Taiane aponta que a continuidade e a expansão dessas ações dependem de um esforço conjunto entre poder público, instituições educativas e a própria organização das artesãs, que, por meio de sua adaptabilidade e criatividade, mantêm viva a tradição local enquanto criam novas possibilidades de desenvolvimento econômico e social. Portanto, garantir uma política pública mais coesa e parcerias frequentes é essencial para potencializar os resultados alcançados.

De maneira semelhante, Marilza destaca a importância da colaboração e do apoio mútuo como pilares para o fortalecimento da ECOSOL e o crescimento da comunidade:

Sempre que nos convidam para participar, seja de feiras ou para doação de brindes para sorteios, procuramos sempre apoiar as ações. Também realizamos oficinas de artesanato para a população em geral nas dependências da casa visando proporcionar fonte de renda para quem tiver interesse. (Marilza Madeira. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

A fala de Marilza indica um comprometimento ativo da Casa da ECOSOL em Jaguarão com a comunidade local, destacando sua disposição para participar de feiras e apoiar eventos por meio da doação de brindes. Na imagem abaixo, os brindes doados pela Casa para uma das etapas do “Tertúlias Inclusivas do Pampa” - Curso de aperfeiçoamento em produção de recursos didáticos na perspectiva do Desenho Universal para Aprendizagem (DUA)<sup>32</sup>, projeto destinado a professores e professoras da rede municipal de educação, ocorrendo simultaneamente em várias cidades-sedes da Unipampa.

Figura 17: Brindes para evento da UNIPAMPA



Foto: Arquivo pessoal da autora.

Essa ação de doar brindes, fortalece os laços comunitários e com isso, amplia a visibilidade do trabalho artesanal e das iniciativas da Casa. Além disso, a Casa é parceira da Feira Alternativa de Literatura e Artes da Fronteira - FALA, organizada pela Sociedade Independente Cultural, coordenada por mim desde 2022. A FALA é

<sup>32</sup> Mais informações, disponíveis em: <https://unipampa.edu.br/jaguarao/tertulias-inclusivas-do-pampa>. Acesso em 30 nov. 2024.

um projeto que nasceu em 2013 e ocorre anualmente, em Jaguarão e em Rio Branco, tendo como objetivo realizar intercâmbio cultural, educacional e social entre Brasil e Uruguay, tendo como meio a realização de oficinas nas escolas públicas, bem como, rodas de conversa, encontros culturais, campanhas de doação de livros, visitas guiadas em locais de memória, etc.

A Casa participa da FALA através do oferecimento de visitas guiadas às escolas públicas da cidade. Com isso, busca-se abrir as portas do espaço para divulgar as ações realizadas pelas artesãs, incentivar a troca de conhecimentos entre crianças e adolescentes e proporcionar educação patrimonial. Nas imagens abaixo, vemos a participação de duas turmas, a primeira quando o local ainda era o Círculo Operário, e a segunda fotografia, já no local atual::

Figura 18: Visita do CECAR-FALA 2022.



Figura 19: Visita da EMEF Ceni S. Dias-FALA.2024.



Fotos: Facebook FALA. Disponível em: <https://www.facebook.com/Falafronteira>. Acesso em 02 dez.2024.

No que se refere a realização de oficinas de artesanato, vemos que a Casa se preocupa em promover a capacitação e o desenvolvimento econômico da população, ao oferecer uma oportunidade de geração de renda para quem manifestar interesse. Como apresentado na seção das biografias das entrevistadas, foi por meio dessas oficinas que novas artesãs passaram a integrar a Casa. Na próxima seção, que trata da representação da Casa na vida das artesãs, o assunto das oficinas voltará à tona.

Sobre o Turismo e a ECOSOL, as artesãs Joceli e Yasmin trazem suas reflexões:

Teria de ter alguma coisa que a pessoa que fosse para o Uruguai ficassem aqui. Eles passam, o ônibus passa, eles fazem a compra e voltam. (Joceli Nunes Tardis. Entrevista realizada em 26 jul.2022).

O turismo é bem bom não só para cidade, não só para a Ecosol, mas nosso reconhecimento porque Jaguarão é bem rico, não em turismo porque a gente precisa de muita melhoria. [...] Então, nem todo mundo sabe que tem a Casa da Ecosol. E como não tem muita divulgação assim, a não ser as redes sociais.(Yasmin Fagundes Centeno. Entrevista realizada em 28 jul.2022)

As entrevistas de Joceli e Yasmin expõem uma preocupação compartilhada sobre a falta de estratégias para atrair turistas a Jaguarão e a necessidade de aumentar a visibilidade da ECOSOL como um local que poderia enriquecer a experiência dos visitantes. Yasmin enfatiza que a cidade possui um potencial turístico significativo, mas carece de melhorias e uma divulgação mais eficaz, enquanto Joceli aponta diretamente para a necessidade de criar condições que incentivem os turistas a permanecer na cidade após as compras no Uruguai. Ambas as falas sugerem que, embora a proximidade com a fronteira possa trazer um fluxo de visitantes, é fundamental desenvolver iniciativas que atraiam esses turistas e, conseqüentemente, incentivem seu envolvimento com as ofertas culturais e artesanais locais.

Ao se pensar em Turismo em Jaguarão, é comum destacar o comércio nos *free shops* uruguaios. No entanto, existem outras formas de Turismo que apresentam uma possibilidade de crescimento gradual, como o Ecoturismo, Turismo de aventura, Turismo rural, Turismo religioso e o Turismo cultural. É essencial que ao visitarem a cidade, as e os turistas saibam o que tem em Jaguarão e assim, possam aproveitar tudo que a fronteira tem a oferecer.

Rosângela reforça essa ideia ao afirmar: "tem pessoas que já vem aqui porque alguém já esteve aqui" (Rosângela Garcia. Entrevista realizada em 20 jul 2022). Essa afirmação demonstra a natureza relacional do Turismo, onde as recomendações pessoais de visitantes anteriores servem como um forte motivador para novos turistas. Na sequência, a artesã menciona "Vai em tal lugar que tu encontras umas lembrancinhas para Jaguarão", reforçando que o potencial turístico de Jaguarão não se limita às compras nos *free shops*, mas também inclui a descoberta de produtos artesanais autênticos que refletem a identidade cultural da região. Nessa perspectiva, a artesã Taiane relata sobre o potencial da Casa da ECOSOL como sendo mais um atrativo, um lugar de consumo de *souvenirs* em

Jaguarão, onde turistas e visitantes podem encontrar produtos de qualidade, que expressam a identidade local:

A Ecosol para Jaguarão deveria ser uma marca de visibilidade da cidade, de divulgação da cidade. Acredito que ali a gente poderia ter mais produtos, a gente tem muito artesanato na cidade que pudesse representar mais. A gente tem várias artes que não estão ali, a gente tem várias outras técnicas que poderiam estar. Então, é um espaço de fortalecimento, um espaço onde a gente faz um debate diferente que poderia estar causando mais efeito para as pessoas, porque muitas vezes não conseguem se estabelecer num horário comercial por motivos quaisquer, seja de horário ou de preferência, como é meu caso. Então, a economia solidária poderia ser mais um alicerce de crescimento econômico do Município e de divulgação. Acredito que a gente conseguisse dar mais visibilidade do produto de Jaguarão, é mais um atrativo. (Taiane Alanis. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

Taiane sugere que a Ecosol poderia se tornar um ponto de encontro para discussões sobre o fortalecimento da economia local. Essa abordagem ajudaria a valorizar o trabalho artesanal, bem como poderia criar um ambiente mais inclusivo, onde as necessidades e preferências de diferentes grupos da comunidade são levadas em consideração. A artesã menciona as dificuldades que muitos enfrentam ao se estabelecer em horários comerciais tradicionais, o que ressalta a importância de adaptar o funcionamento da Casa da ECOSOL para atender a um público mais amplo, tanto de artesãs, quanto da clientela. Essa perspectiva evidencia o potencial da ECOSOL como um alicerce para o crescimento econômico em Jaguarão, já que o espaço busca promover a inclusão de pessoas que, por diversos motivos, não podem participar do mercado de trabalho convencional.

Taiane, em sua entrevista, menciona que a ampliação da visibilidade da Casa Ecosol poderia aumentar o fluxo de visitantes e, conseqüentemente, as vendas: “Muitas das peças vendidas na Casa são lembranças da cidade, relacionadas com os pontos turísticos. Se pudesse ser um destino no itinerário de visitaçã a Casa, seria mais conhecida e com isso teria mais movimento no nosso espaço”. Ou seja, a artesã acredita que, se a Casa se tornasse um ponto de visitaçã conhecido, especialmente por oferecer peças que são “lembranças da cidade” e representações de pontos turísticos locais, haveria um incremento no movimento e na valorizaçã do espaço.

Ao argumentar que a visibilidade dos produtos de Jaguarão poderia se transformar em um atrativo, Taiane aponta para a interconexão entre a valorizaçã do artesanato local, da agricultura familiar e o fortalecimento da identidade cultural

da cidade. Essa relação simbiótica beneficia as artesãs, assim como, pode impactar positivamente o Turismo e a economia local, de modo a criar uma rede de suporte que potencializa o desenvolvimento sustentável e econômico da comunidade. Sobre isso, Medeiros *et al.* (*apud* Medeiros, 2008, p. 58) destacam que a ECOSOL representa uma importante forma de inserção socioeconômica para populações vulneráveis. Essa dinâmica é evidenciada pela pesquisa realizada por Medeiros na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, envolvendo 32 grupos de empreendimentos econômicos solidários. Os resultados indicam que 78,1% dos lucros gerados por esses empreendimentos são distribuídos entre os cooperados e associados, utilizando o método de rateio proporcional à entrega dos produtos vendidos. Além disso, parte do lucro é reinvestida nos próprios empreendimentos, enquanto outra parte é redistribuída entre os membros, promovendo a sustentabilidade financeira e social dessas iniciativas.

No que se refere à questão financeira, ainda representa um desafio contínuo para a equipe. As vendas permanecem aquém das expectativas, e como já mencionado por Cenilza, na seção anterior, acredita-se que isso se deva à baixa demanda por artesanato, à falta de visibilidade, ao uso limitado da internet para comercialização, entre outros fatores. A seguir, apresentamos a remuneração recebida pela Casa, com a soma de todas as vendas e a remuneração mensal: R\$ 1.574,00 (2022), R\$ 2.470,00 (2023) e R\$ 2.161,00 (2024), até o dia 26 de outubro de 2024.

Os valores, repassados por Marilza, responsável pelo livro caixa, apresentaram um aumento ao longo dos anos, na remuneração mensal da Casa. É importante destacar que este quadro foi elaborado com base nos dados de outubro e que as vendas de novembro e dezembro costumam apresentar um grande crescimento nas receitas. De acordo com Marilza: “aumenta ano a ano. Mas teria que ver anos anteriores. Antes eu não colocava em um caderno semanalmente como faço agora, era em folhas soltas e se perdia, não tinha data e tal”.(Marilza Madeira. Entrevista realizada em 26 out. 2024). O aumento das receitas ao longo dos anos pode ser notado, mas a comparação com anos anteriores exigiria um levantamento detalhado das informações passadas, algo que não estava sendo feito de forma eficiente até então. Todo esse aprendizado sobre gestão financeira, adquirido com o passar do tempo, reflete a prática da ECOSOL, onde tudo se

aprende fazendo, contabilizando acertos e erros, que mais tarde, serão aprendizados compartilhados em grupo.

Esse processo de organização e compartilhamento de informações não se limita apenas à gestão financeira, mas também se reflete na maneira como a Casa contribui para a visibilidade de Jaguarão como um destino turístico. A troca de informações entre os visitantes pode ampliar o reconhecimento de Jaguarão como um destino turístico diversificado, estimulando um fluxo contínuo de turistas em busca de experiências que vão além do comércio convencional. A fala de Roseli revela a conexão entre o empoderamento das mulheres e a valorização da história e cultura de Jaguarão:

Tu empodera pessoas, mas também tu tá ali trabalhando pras pessoas terem uma renda, [...], para que elas contem a sua história, para que trabalhem em casa e que possam estar cuidando dos seus filhos, [...]. Muitas vezes a gente tá na praça e chegam os turistas, a gente conta a história de jaguarao, a gente fala da história da mulher, da história do negro, da negra, a gente tá falando da juventude, da nossa cultura, de uma forma que a gente pode também tá trabalhando política e tá trabalhando. (Roseli Calveti. Entrevista realizada em 22 jul.2022).

A expressão “empodera pessoas”, na narrativa da artesã, assim como em trechos de outras participantes, demonstra a ligação do trabalho na ECOSOL à conquista da autonomia para mulheres. Ela destaca que ECOSOL oferece oportunidades de geração de renda e junto disso, promove um espaço onde as histórias individuais e coletivas podem ser compartilhadas. Esse processo de empoderamento se manifesta na capacidade das mulheres de contar suas próprias narrativas, ao mesmo tempo em que cuidam de suas famílias, do seu trabalho e permanecem atentas às necessidades da comunidade.

O Turismo, quando planejado de forma a contemplar a comunidade local, tem essa capacidade: de incluir, valorizar, empoderar as e os autóctones, nesse caso, as mulheres trabalhadoras da ECOSOL. As entrevistas com as artesãs destacaram a importância da Casa da ECOSOL para a valorização da cultura local e a promoção do Turismo. Elas ressaltaram que o trabalho realizado, além de garantir a autonomia financeira, também permite que compartilhem suas histórias e conhecimentos com os turistas. Aumentar a visibilidade da ECOSOL e estabelecer mais parcerias com outras instituições são passos fundamentais para fortalecer esse movimento. A promoção de eventos culturais e o incentivo ao Turismo local têm o potencial de

gerar mais oportunidades para as artesãs e de fazer Jaguarão se destacar como um destino turístico, capaz de unir história, cultura e ECOSOL.

### 3.4 RESISTÊNCIAS E LUTAS: O QUE A ECOSOL REPRESENTA NA VIDA DAS MULHERES DA CASA?

As narrativas apresentadas nesta seção, oferecem uma visão multifacetada do protagonismo que o movimento representa na vida das artesãs, do vínculo estabelecido entre mulheres e da busca por autonomia financeira no contexto da ECOSOL. As citações das artesãs respondem à pergunta: *O que a Casa da ECOSOL representa na vida de vocês?* Iniciamos com a resposta de Roseli:

E o que me encanta o trabalho aqui porque a maioria é mulheres, a gente só tem um homem no grupo, mas é isso, tu tá trabalhando com as mulheres e a gente tem essa possibilidade de tá no dia a dia acompanhando o grupo e também de tá empoderando mulheres, através do artesanato, da cultura e de uma renda também extra. (Roseli Calvetti. Entrevista realizada em 22 jul.2022).

A artesã menciona que o que mais a encanta no trabalho na ECOSOL é que "a maioria é mulheres". Essa predominância feminina no grupo cria um ambiente onde as mulheres podem trabalhar juntas, compartilhar experiências e apoiar-se umas às outras. O fato de estarem "acompanhando o grupo" diariamente reflete a construção de um vínculo forte entre as participantes, baseado na solidariedade e na cooperação. Esses vínculos são fundamentais para o fortalecimento coletivo, permitindo que as mulheres se sintam seguras e apoiadas, tanto no desenvolvimento de suas atividades econômicas quanto em suas vidas pessoais. Esse senso de comunidade e apoio mútuo é um aspecto vital para a sustentabilidade do projeto e para o bem-estar das participantes.

A seguir, a fala de Taiane oferece uma reflexão sobre o papel da ECOSOL como uma plataforma de transformação social, econômica e pessoal para as mulheres envolvidas:

A Ecosol representa para mim, puxa vida, ela representa a possibilidade de fazer diferente, de viver uma economia que ela é para além daquela comercialização do produto. Enquanto a gente está ali em grupo, a gente se fortalece, a gente consegue resgatar muitas mulheres que em alguns momentos já não saiam mais de casa, viviam só na dependência da relação familiar, lá com os maridos, e a gente consegue além da comercialização a gente também fazer esse debate. A gente se fortalece, a gente sempre faz

escala em dupla, para que a gente possa dialogar, trocar ideia, ver como o outro está, ver o produto, tentar se fortalecer. Então, a partir dali a gente viu várias mulheres em especial, homens poderiam estar, mas a gente nunca ficou por muito tempo nenhum homem. Eu percebo que acima de tudo o fortalecimento da mulher assim, a economia solidária tem esse potencial de fortalecer a mulher. Eu acho que hoje a nossa maior dificuldade é a divulgação mesmo. Porque como cada um tem uma gama enorme de coisas depois que sai da Ecosol, não consegue seguir durante os outros dias da semana de forma mais cuidadosa a divulgação dos produtos, então acredito que hoje o nosso maior gargalo seria a divulgação mesmo. (Taiane Alanis. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

A artesã expressa que a ECOSOL representa "a possibilidade de fazer diferente, de viver uma economia que ela é para além daquela comercialização do produto". Essa visão destaca a ECOSOL como um espaço onde a economia é usada como um meio para promover mudanças sociais, resgatar mulheres de situações de dependência e criar novas formas de organização social e econômica. Essa economia alternativa fomenta a autonomia, a consciência crítica e o fortalecimento das mulheres, permitindo que elas rompam com as estruturas tradicionais de opressão e dependência.

Um dos pontos centrais na fala de Taiane é o estímulo que ocorre dentro do grupo: "Enquanto a gente está ali em grupo, a gente se fortalece, a gente consegue resgatar muitas mulheres". A prática de trabalhar em coletivo, mencionada por ela, é uma estratégia que promove o diálogo, a troca de ideias e o apoio mútuo. Esse fortalecimento coletivo é um dos pilares da ECOSOL e é um fator crucial para a continuidade da associação. O grupo oferece um ambiente de acolhimento e suporte, onde as mulheres podem se abrir, compartilhar suas experiências e desafios, e encontrar forças para superar dificuldades. A relação de cuidado entre as participantes fortalece os vínculos e contribui para a construção de uma rede de solidariedade.

Taiane menciona que a ECOSOL tem o poder de "resgatar muitas mulheres que em alguns momentos já não saíam mais de casa, viviam só na dependência da relação familiar". Esse *resgate*, podemos sugerir que é um ato de emancipação social, no qual as mulheres são tiradas de situações de isolamento e dependência para serem integradas em uma comunidade ativa e participativa. A ECOSOL oferece a possibilidade das mulheres se reconectarem com o mundo exterior, reconstruírem sua autoestima e conquistarem sua independência. Esse processo de *resgate*, como é chamado pela artesã, é fundamental para a transformação social das

participantes, permitindo que elas assumam um papel mais ativo em suas vidas e na sociedade.

Apesar dos muitos aspectos positivos, Taiane também identifica o desafio de divulgação dos produtos. Ela aponta que "o maior gargalo seria a divulgação", destacando a necessidade de uma maior visibilidade para os produtos e as atividades da ECOSOL. O desafio da divulgação é uma barreira que precisa ser superada para garantir a sustentabilidade do projeto e ampliar o alcance do impacto positivo gerado pela ECOSOL. Para superar essa problemática, uma das estratégias criadas é o oferecimento de oficinas, tal como menciona Roseli:

A gente tem oficinas aqui, que a gente trabalhou antes da pandemia. Essas oficinas é uma forma de tu tá trazendo as pessoas, aí tu conversa de um pouco de tudo e também tu ajuda aquelas pessoas a se reerguer, se levantar. (Roseli Calvetti. Entrevista realizada em 22 jul.2022).

As oficinas realizadas antes da pandemia eram uma forma de "ajudar aquelas pessoas a se reerguer, se levantar". Esse processo de reerguimento está intimamente ligado ao que podemos chamar de prática emancipadora, a partir da qual as participantes são incentivadas a recuperar sua autonomia, autoestima e poder de ação. As oficinas funcionam como um espaço de aprendizado e sociabilidade, onde as mulheres podem desenvolver novas habilidades, trocar conhecimentos e, mais importante, construir uma consciência crítica sobre sua posição na sociedade. A prática emancipadora aqui não se limita ao desenvolvimento de habilidades técnicas, mas se expande para a transformação pessoal e coletiva, proporcionando às participantes os recursos necessários para enfrentar e superar desafios.

A fala também evidencia a importância dos vínculos sociais estabelecidos nas oficinas. Roseli menciona que as oficinas são uma oportunidade para "conversar de um pouco de tudo", ou seja, nesses encontros há um ambiente onde as mulheres podem compartilhar experiências, desabafar, trocar conselhos e fortalecer suas conexões emocionais e sociais. A partir desse vínculo, vemos um suporte para a construção de uma rede de apoio mútua, na qual cada participante se sente acolhida e fortalecida pelo grupo. As oficinas, portanto, funcionam como espaços de socialização e solidariedade, onde as mulheres encontram afeto, cuidado e estímulo umas nas outras.

Yasmin, por sua vez, fala sobre como a Ecosol foi "luz" em sua vida, proporcionando conhecimento e oportunidades que antes não existiam:

A Ecosol é luz na minha vida. Se não fosse a Ecosol eu não teria o conhecimento que tenho hoje. Porque muitas pessoas chegam e falam "vi seu trabalho na Ecosol". E foi através da Ecosol que eu pude sair para as Feiras. Então, sempre quando tem alguma coisa na cidade, algum evento, alguma Feira, alguma exposição, alguma coisa, a Casa Ecosol sempre recebe convite para expor. Até no Uruguai mesmo às vezes acontece alguma coisa e eles nos mandam convite para gente expor lá. Então, é bem bacana. Eu tenho trabalho até na Argentina, que as gurias foram numa Feira, eu não pude ir, queria muito ter ido. Porque teve uma Feira lá na Argentina, e elas foram convidadas, foram lá em excursão. E a Roseli levou um pouquinho de cada trabalho de todas da Casa ali. E aí foram uns chaveirinhos meu, foi bem no início que eu entrei, eu só fazia chaveiro. Aí ela levou uns chaveirinhos e o pessoal ficou encantado, "Miny, vendi teus chaveiros, teus chaveiros estão lá na Argentina". (Yasmin Fagundes Centeno. Entrevista realizada em 28 jul.2022)

Vemos que a Casa oferece, de certa forma, a ampliação do horizonte dessas mulheres, que passam a se ver como agentes ativas na economia e na sociedade. A metáfora da Ecosol como "luz" ilustra o papel crucial da iniciativa em iluminar caminhos anteriormente inacessíveis. Para Yasmin, o conhecimento adquirido e as experiências compartilhadas consolidaram sua identidade enquanto artesã e contribuíram para que seu trabalho alcançasse reconhecimento global, mesmo em um estágio inicial de sua trajetória criativa. Observamos também a parceria e solidariedade entre as artesãs, pois, sempre que possível, há uma artesã (neste caso, a Roseli) que se encarrega de levar para os eventos os trabalhos das companheiras que não podem estar presentes.

A melhoria financeira é uma conquista importante nas narrativas. Joceli menciona como a participação na ECOSOL proporciona, ainda que modesta, uma renda extra, e junto disso promove debates e conscientização sobre a independência financeira das mulheres. Esse reconhecimento e a capacidade de gerar renda independentemente são passos que ajudam na caminhada rumo à autonomia financeira, permitindo que essas mulheres não dependam exclusivamente de seus maridos ou de estruturas tradicionais de sustento.

O vínculo entre mulheres é um tema recorrente nas falas. Cenilza menciona que o espaço representa "companheirismo" e que há sempre "alguém para motivar quando a gente está meia caída". Com esse apoio mútuo, vemos o fortalecimento coletivo e individual, pois se cria uma rede de suporte profissional, emocional e

social. Taiane também reforça essa ideia ao falar sobre como o grupo se fortalece e resgata mulheres que estavam isoladas em casa, presas a dinâmicas familiares tradicionais. É possível mensurar que o vínculo entre as participantes é um elemento central para a continuidade das iniciativas.

Já a fala de Rosângela acrescenta uma dimensão importante à análise, especialmente no que diz respeito ao autocuidado e à busca por equilíbrio pessoal. Quando questionada sobre a sua motivação para adentrar à ECOSOL, ela diz:

É que eu precisava de um tempinho para mim. E eu venho para cá, eu me dou esse tempo, que eu vejo pessoas diferentes, converso. Eu precisava, porque eu trabalho muito. Então, eu não tenho muito tempo para mim. E aqui é o espaço que eu acho que tiro o tempo para mim. (Rosângela Garcia. Entrevista realizada em 20 jul 2022).

Ela explica que a sua motivação para participar do grupo foi a necessidade de "um tempinho para mim", enfatizando que, apesar de trabalhar muito, ela encontra nesse espaço uma oportunidade para se desconectar da rotina exaustiva e cuidar de si mesma. A decisão de Rosângela de buscar um espaço onde ela possa se dedicar a si mesma também pode ser vista como uma forma de busca por emancipação. Em sociedades nas quais as mulheres muitas vezes assumem múltiplos papéis — como profissionais, cuidadoras e donas de casa — encontrar tempo para si é um ato de resistência contra a sobrecarga e a invisibilidade de suas necessidades pessoais. Nesse sentido, é possível dizer que ECOSOL oferece um espaço para o fortalecimento da individualidade e da saúde mental, frente a jornadas duplas e triplas das mulheres trabalhadoras.

O desejo de Rosângela de estar em um ambiente onde possa "ver pessoas diferentes" e "conversar" aponta para a importância do vínculo social no contexto da ECOSOL. Mesmo que sua motivação inicial tenha sido buscar um tempo para si mesma, a interação com outras mulheres no grupo proporciona um espaço de troca e acolhimento, onde ela pode se desconectar das pressões diárias e, ao mesmo tempo, fortalecer seus laços sociais. Esse tipo de interação é vital para o bem-estar emocional e reforça o sentido de comunidade e solidariedade entre as participantes.

Embora Rosângela não mencione diretamente a busca por autonomia financeira, a sua fala sugere que a ECOSOL também contribui para seu bem-estar pessoal, o que, indiretamente, pode fortalecer sua capacidade de gerar renda. Quando uma pessoa está emocionalmente equilibrada e se sente apoiada, ela tende

a ser mais produtiva e criativa, o que pode melhorar sua performance nas atividades relacionadas ao trabalho. Assim, o espaço de autocuidado que Rosângela encontra na Casa é também um espaço de fortalecimento para enfrentar os desafios econômicos, sociais e familiares.

É possível observar como a participação na ECOSOL transformou a vida das artesãs Marilza e Joceli, promovendo autonomia e novas perspectivas de vida. O protagonismo se manifesta na forma como Marilza enxerga sua participação no espaço: “Participar da Ecosol me motiva todos os dias. Intensificou muito as minhas habilidades. Produzo muitas peças e faço a escala de atendimento com prazer” (Marilza Madeira. Entrevista realizada em 20 jul 2022). A artesã relata que participar do espaço, trouxe prazer e significado ao seu envolvimento cotidiano, evidenciado pela dedicação às escalas de atendimento e pela produção de diversas peças. Aqui, o protagonismo não se limita à produção artesanal, mas expande-se para uma relação de pertencimento e valorização do trabalho coletivo.

No caso de Joceli, o protagonismo emergiu a partir de um contraste entre sua vida anterior e sua vivência na Casa. Antes de seu envolvimento, a artesã que mora no Cerro do Matadouro (local afastado da região central), descreve sua rotina como “vivía isolada”, um “mundinho só nosso”. A interação com outras mulheres e as atividades constantes da Casa proporcionaram a ela novas possibilidades, outras perspectivas de vida e outros aprendizados, como ela conta abaixo:

Eu gosto de conhecer outros pensamentos. É uma nova visão de vida, a gente aprende muito. Só que para mim é um aprendizado e foi muito útil, agora perdi meu irmão. Acho que se eu não viesse para cá eu tinha pirado, porque no fim eu fiquei sozinha em casa, ele morava comigo.[...] E aqui é muito bom, eu gosto daqui. Eu venho sempre nas terças aqui. (Joceli Nunes Tardis. Entrevista realizada em 26 jul.2022).

Joceli valoriza a oportunidade de conhecer diferentes pensamentos e enriquecer sua visão de mundo. Ela destaca que o aprendizado colaborativo experimentado na Casa tem sido extremamente útil e enriquecedor para ela. “Foi um aprendizado e foi muito útil”, afirmou, ressaltando que, após a perda de seu irmão, o apoio e a convivência na Casa foram fundamentais para seu bem-estar. A artesã acredita que, se não tivesse participado da Casa, o isolamento e a solidão poderiam ter sido ainda mais intensos. “Aqui é muito bom, eu gosto daqui. Eu venho sempre nas terças”, conclui Joceli, e com esta fala nos mostra o impacto positivo que o ambiente da Casa tem em sua vida.

Na ECOSOL o protagonismo das mulheres é exercido de forma coletiva, portanto, este espaço abrange multifacetado, pois entrelaça o trabalho, a socialização, o cuidado e o autocuidado, e deste modo, contribui para a construção de transformações na vida de cada artesã. Vimos com as entrevistas que através do artesanato e da gestão do empreendimento solidário, as mulheres estão saindo de situações de isolamento e protagonizando suas vidas, a partir das escolhas realizadas em coletividade. Assim, mesmo diante de vários desafios, a ECOSOL mostra que é um modelo de economia capaz de gerar impactos duradouros na vida das mulheres e, conseqüentemente, na vida da comunidade em que está presente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das histórias de vida das artesãs da Casa da Economia Solidária de Jaguarão, é possível reconhecer a singularidade e multiplicidade de experiências que essas mulheres trazem consigo. Cada uma, à sua maneira, reflete dinâmicas de luta, criatividade e resistência em um contexto de ECOSOL e Turismo. As narrativas abordam uma diversidade de experiências que envolvem suas relações com o território, a família, o trabalho, a economia, etc.

Ao realizar a retomada dos objetivos, delineamos o texto de modo a apresentar o histórico da constituição da Casa da ECOSOL, identificamos que sua criação foi impulsionada pelas feiras promovidas pela gestão municipal da época, que funcionaram como espaços de integração e fortalecimento da economia local. Posteriormente, a iniciativa ganhou força com a união de feirantes, que perceberam a necessidade de um local fixo para a comercialização contínua de artesanatos, itens da agricultura familiar e outros produtos.

No que diz respeito a identificar quais são os desafios e as conquistas do grupo de mulheres junto à consolidação da ECOSOL em suas vidas, percebemos que entre os principais desafios, destacam-se as dificuldades relacionadas à valorização do artesanato e à expansão das vendas. Como apontado nas entrevistas, a pandemia de COVID-19 agravou essas questões, reduzindo as oportunidades de visibilidade e comercialização, bem como afetando a coesão do grupo. Além disso, a falta de incentivo do poder público e a falta de capacitação em comércio digital foi reconhecida como uma barreira para o alcance de novos mercados. Nessa última questão a UNIPAMPA poderia auxiliar, buscando ouvir as

artesãs, bem como, realizando cursos de capacitação para uso de redes sociais, criação de vídeos, utilização de plataformas de vendas (entre outros), oportunizando o vínculo de estagiários dos cursos de Turismo e Produção e Política Cultural, etc.

Quanto às conquistas, a mudança para um local mais central em Jaguarão trouxe maior visibilidade à Casa da ECOSOL, aumentando o fluxo de visitantes e melhorando as vendas. A remuneração, ainda que modesta, foi mencionada como uma importante fonte de autoestima e autonomia para as artesãs, permitindo que elas vejam o resultado direto de seus esforços. Podemos dizer que a Casa é muito mais do que um espaço, é um movimento social que contrapõe as estruturas e que está a todo instante, na busca por coletivizar aprendizados. As artesãs participam de eventos; produzem eventos, como é o caso das oficinas disponibilizadas para mulheres, algo que auxilia na qualificação, na socialização e na geração de renda; recebem escolas, durante atividades como a FALA; realizam visitas quando convidadas em espaços culturais e educacionais; se fazem presentes através de doação de brindes para atividades variadas, como a formação de professoras na UNIPAMPA, ou seja, a Casa não para! Está sempre em constantes atividades e doando suas produções e seu tempo à comunidade.

Sobre demonstrar a importância do Turismo local e do trabalho das mulheres representado nos *souvenirs* comercializados para turistas, vemos que essa importância manifesta-se na promoção de uma ECOSOL que valoriza a cultura e a história de Jaguarão. Os *souvenirs* produzidos pelas artesãs destacam-se como representações tangíveis da identidade local, conectando visitantes às experiências que só serão vividas aqui. E ainda, esses itens, além de funcionarem como recordações, atuam como propulsor da hospitalidade e como ferramentas de empoderamento das artesãs, já que suas criações são também fontes de renda.

O último objetivo específico é analisar de que forma a gestão da Casa da ECOSOL contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional das artesãs. Percebe-se que ao narrar sobre as suas histórias de vida, o artesanato e a gestão do espaço aparece como meio que interliga o bem-estar, a geração de renda e a consequente liberdade que o trabalho gera em suas vidas. Suas falas mostram o grande impacto pessoal ofertado através do envolvimento na Casa, algo que têm ajudado a moldar suas trajetórias em busca da reconstrução de suas autonomia.

A gestão participativa promove debates que fortalecem a consciência crítica, permitindo que as participantes encontrem soluções para os desafios diários de

maneira conjunta. Nesse sentido, vemos que o espaço proporciona aprendizados que, provavelmente, em outros espaços laborais, elas não teriam oportunidade de adquirir. Através das oficinas, escalas de trabalho e da interação constante, a Casa se consolida como um local onde as mulheres encontram um ponto de equilíbrio emocional e autocuidado, especialmente em situações de sobrecarga ou luto, como relatado por algumas artesãs.

Ao longo das entrevistas realizadas, ficou evidente o potencial dessas mulheres para criar, manter e expandir essa associação, demonstrando que o empreendedorismo pode, sim, ser conduzido de forma coletiva, solidária e não competitiva, tal como dispõe os conceitos de Economia Solidária. Nesse espaço de convivência, elas desenvolvem produtos que resgatam técnicas tradicionais e que carregam consigo a identidade cultural da região, algo que pode ser utilizado para fortalecer o Turismo local. Jaguarão, com sua riqueza de espaços urbanos e rurais, é um terreno fértil para iniciativas, como estas, que vem ao encontro de promover o artesanato, ao mesmo tempo em que apresenta um produto de divulgação da cidade.

A Casa da Economia Solidária é um verdadeiro ponto de troca de saberes e experiências. Ali, há uma constante circulação de conhecimentos que passam de geração em geração, e cada artesã vai aprendendo a como gerir a economia colaborativa, que como dito, foge à lógica capitalista, comumente ensinada à todas nós. Nessa convivência, constrói-se uma rede de apoio, na qual o fortalecimento mútuo é um valor central. Dessa forma, a Casa da ECOSOL se torna um ponto de encontro entre a tradição e a inovação, o local e o global, permitindo que o Turismo seja uma via de fortalecimento econômico, cultural e social para a comunidade de Jaguarão. Isso sem mencionar a geração de emprego e a melhora na qualidade de vida das artesãs envolvidas.

A prática da História Oral, adotada como metodologia para essa pesquisa, possibilitou o registro das memórias dessas mulheres a partir da construção de discursos sobre seus passados, suas vivências e suas visões de mundo. As entrevistas forneceram elementos fundamentais para elaborar uma narrativa histórica que, entre as muitas possíveis, priorizou, acima de tudo, colocar suas vozes no centro do processo, valorizando suas perspectivas e experiências, para assim reconhecer aquilo que de fato elas são: protagonistas de suas histórias e protagonistas da história que dá base à construção da Casa da ECOSOL. Ao

revisitar suas trajetórias, essas artesãs reafirmam suas capacidades de realização e reafirmam seu protagonismo na criação e gestão da Casa, provando que são as verdadeiras impulsionadoras desse projeto que continua a resistir e a crescer.

As artesãs a todo momento demonstram estar conscientes das necessidades que cercam a Casa, e ao longo do texto, vemos a partir de suas próprias falas, ideias de ações que poderiam ser realizadas como incentivo para o desenvolvimento laboral delas, tais como: divulgação da Casa através de roteiros turísticos que a incluam; reativação do Centro de Apoio ao Turista, para ser mais um local de apoio à Casa. continuidade e expansão dos convites para participação em feiras e eventos da cidade; fomento de órgãos governamentais; etc. E aqui, podemos incluir os registros do diário de campo, em que as artesãs comentaram um antigo desejo do grupo: realizar a primeira Feira Binacional de ECOSOL em Jaguarão, reunindo associações, cooperativas, grupos de toda a região do RS e do Uruguay. Ação esta que viria para ampliar o elo que interliga essa forma alternativa de viver a economia e que precisa ser sempre retroalimentada, pois como vimos, é algo que exige muita dedicação, amor e resistência.

O papel dessas mulheres na Casa da ECOSOL nos dá subsídio para perceber como o Turismo e a ECOSOL podem coexistir e se fortalecer mutuamente. Por meio de suas produções, essas artesãs constroem pontes que conectam visitantes com a cultura local, criando um Turismo que é, antes de tudo, uma experiência de troca e aprendizado. Melo e Marques (2022) afirmam que o Turismo é uma condição social onde se pode refletir sobre o consumo consciente em diversos sentidos, na alimentação, na hospedagem, transporte, entre outros. O Turismo comprometido com responsabilidade social deve considerar, sobretudo, o coletivo. Quem visitar a Casa da ECOSOL, sairá de lá com uma história, será recebida com hospitalidade e terá a chance de ouvir histórias de Jaguarão, a partir da boca de quem mora na cidade. Ah, e como se não bastasse, cada visitante terá a oportunidade de levar consigo uma obra única, criada pelas mãos talentosas das artesãs e artesãos com quem tiveram a chance de dialogar.

A Casa da ECOSOL é um exemplo vivo, para Jaguarão e para o mundo, de que outra forma de economia é possível. Ela demonstra que a união, o cuidado e a gestão coletiva geram resultados valiosos — e aqui não me refiro aos financeiros. A colheita da Casa é ampla, solidária e próspera, pois abrange vínculos humanos, empoderamento, transformação social, amor, cooperação e tantas outras coisas

bonitas e necessárias para uma vida feliz. Diante disso, vemos que resultados indicam um impacto positivo do artesanato como meio de trabalho na vida das artesãs, que relataram ganhos significativos em termos de autonomia e qualidade de vida após sua integração à Casa da Economia Solidária.

Assim, esperamos que este trabalho contribua para ampliar o conhecimento sobre essa iniciativa, incentivando a adesão e a colaboração de mais pessoas. Por seu caráter solidário, a Casa da ECOSOL depende do envolvimento de muitas mãos, pois a sua força está, justamente, na ação da coletividade. Por isso, desejamos que mais pessoas conheçam, apoiem, divulguem e, quem sabe, vejam nesse espaço uma forma de trabalho e se envolvam na gestão, fortalecendo o vínculo com a comunidade e reafirmando a importância do trabalho conjunto que ele representa.

Além disso, ao longo da pesquisa, destacou-se a importância do Turismo no fortalecimento da Economia Solidária, pois ele contribui para a valorização do artesanato e para o aumento da geração de renda no município. Almejamos que, a partir do conhecimento e do crescimento, a Casa da ECOSOL contribua para fomentar o Turismo na cidade, para que, com isso, o espaço seja reconhecido como aglutinador de Cultura, de História e da economia local. Desse modo, a união da comunidade em torno da Casa possa dar sustento a um modelo de Turismo Solidário, no qual visitantes sejam partícipes do processo de reconhecimento e colaboração dessa iniciativa, de modo a fortalecer laços humanos, criar um vínculo com a cidade e quem sabe ser porta-voz da potencialidade que há na ECOSOL.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e em avaliação educacional**. Brasília: Líberlivro, 2005.

ÁVILA, Helora Ataydes Dilelio; FARINHA, Alessandra Buriol. **A Comercialização de Produtos em Lã Natural como Souvenir: Manutenção da Identidade Cultural de Jaguarão/RS**. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 5, n. 4, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i4.1325. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1325>. Acesso em: 27 dez. 2022.

BÔAS, Alexandre dos Santos Villas. **Patrimônio, Turismo e Fronteira: O Projeto Jaguar em Jaguarão/RS**. Historiæ, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 193-213, 2021.

BRASIL. **Dinâmica e diversidade do Turismo de Base Comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BURKE, Peter. **Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro**. Peter Burke (org.); trad. de Magda Lopes - In: \_\_\_\_\_. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p.1-13.

CECHIN, Noeli Shiller. **Jaguarão: ontem e hoje**. Porto Alegre: CORAG, 1979.

COELHO, Mariana de Freitas. O que atrai o turista? Gestão da competitividade de destinos a partir de atrações e da atratividade turística. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, vol 7, nº 4, pág. 489 - 505, 2015.

COSTA, Luciana de Castro Neves. **Turismo e paisagem cultural: para pensar o transfronteiriço**. Dissertação de Mestrado- UCS, 2011.

ESTEVES, Natália Cabral dos Santos. **Conquistas femininas durante o governo Vargas**. XIX Encontro de História da Anpuh - Rio. História do futuro: pesquisa, ensino e divulgação científica. 2020. Disponível em: [https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600021231\\_ARQUIVO\\_ed84ad90e200a49c6a79125700c5dd7f.pdf](https://www.encontro2020.rj.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-rj-erh2020/1600021231_ARQUIVO_ed84ad90e200a49c6a79125700c5dd7f.pdf). Acesso em: 23 dez. 2022.

FARINHA, Alessandra Buriol. Turismo e Assédio: A vulnerabilidade das turismólogas. In: SILVA, Fernanda Costa da. **O que nunca nos contaram sobre Turismo?** Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

FILHO, Gilberto Leite. **Souvenir: Uma pesquisa voltada aos visitantes da fronteira de Jaguarão - BR e Uruguai - UY**. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Gestão do Turismo) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1BTM079-mOsGQEbnfZq8o3VxJPUkvJOCx/view>. Acesso em: 27 dez. 2022.

GAIGER, Luiz Inácio. **A Economia Solidária no Brasil: Uma análise de dados nacionais**. Ed. Oikos, São Leopoldo, 2014.

JAGUARÃO. **Lei nº 4.128, de 14 de julho de 2003**. Cria no município o Conselho Municipal de Turismo de Jaguarão – COMTUR – e dá outras providências. Disponível em: <https://www.camarajaguarao.rs.gov.br/proposicoes/Lei-ordinaria/2003/3/0/1511>. Acesso em 25 nov. 2024.

JAGUARÃO. **Lei nº 5.999, de 21 de agosto de 2014**. Institui o Programa de Fomento à Economia Solidária. Autoria: Vereadora Roseli Calvetti. Jaguarão, 2014.

LEAL, Kamila Soares; RODRIGUES, Marilsa de Sá. **Economia Solidária: Conceitos e princípios norteadores**. Revista Humanidades e Inovação, Brasil, p. 210-221, dez. 2018.

LEITE, Marcia de Paula. **A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades.** Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2009, v. 24, n. 69, pp. 31-51. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000100003>> Acesso em: 29 Jul. 2022.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **A mulher, o médico e as historiadoras: um ensaio historiográfico sobre a história das mulheres, da medicina e do gênero.** Hist. cienc. saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, pp. 241-264, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702020000100241&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702020000100241&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 24 jul. 2022.

MARTINS, Roberto Duarte. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguai: a construção da cidade de Jaguarão.** Tese. (Escola Técnica d' arquitetura). Universidad politécnica de Cataluña-Espanha, 2001.

MATOS, Júlia Silveira. **Tendências e debates: da Escola dos Annales à História Nova.** Historiae: Revista de História da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, v. 1, p.113-130, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2283>. Acesso em: 24 jul. 2022.

MEDEIROS, Viviane Costa Fonseca de Almeida *et al.* Turismo e economia solidária: uma análise nas cooperativas e associações de artesanato do Roteiro Seridó Norte-Rio-Grandense, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo-RITUR**, Penedo, v. 7, n. 2, p. 40-59, maio/ago. 2017. DOI: 10.2436/20.8070.01.54. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Re) Introduzindo a História Oral no Brasil. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil.** São Paulo: USP, 1996.

MELO, Hildete Pereira de; RODRIGUES, Ligia. **Pioneiras da ciência no Brasil: uma história contada doze anos depois.** Cienc. Cult, São Paulo, v. 70, n. 3, p. 41-47, 2018. Disponível em:

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252018000300011&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252018000300011&script=sci_arttext). Acesso em: 24, jul. 2022.

MELO, Sebastiano e MARQUES, Maria Laura. Economia Solidária e Turismo como Luzes para uma incursão pelos caminhos da transformação social: reflexões sobre grupos de consumo responsáveis a partir da rede Bem da Terra, Pelotas, RS. **Revista Sociedade e Território**. Vol. 34. n. 02. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/30104>. Acesso em 9 dez. 2024.

MINASI, Sarah Marroni; MAYER, Verônica Feder; SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. **Desigualdade de gênero no turismo: a mulher no ambiente profissional no Brasil**. RBTUR, São Paulo, 16, e-2494, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/9WVVDG4MK3MXhFhMXd7SdvTc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 26 dez.2022.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 11-30.

OLIVEIRA, Elton Silva. **Impactos socioambientais e econômicos do turismo e as suas repercussões no desenvolvimento local: o caso do Município de Itacaré – Bahia**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 8, N. 2, p. 193-202, Set. 2007.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Apresentação da obra MINHA HISTÓRIA DAS MULHERES**. São Paulo: Contexto, 2007. 191 p. (Tradução de Angela M. S. Côrrea do original *Mon histoire des femmes*. Paris: Éditions du Seuil/France Culture, 2006).

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: UNESP, 1995.

ROSA, Eliezer Pedroso. **Políticas públicas de economia solidária no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Pensando o conceito de turismo comunitário**. *Anais do V Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. Belo Horizonte MG, 2008. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/23.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SANTOS, Valkiria Trindade De Almeida. **O papel da mulher na organização alternativa do trabalho – um estudo no Município de Guaporema/PR**. Dissertação (Programa de pós-graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Maringá/PR, 2009. Disponível em: <http://www.pge.uem.br/documentos-para-publicacao/paginas/dissertacoes-2009>. Acesso em: 23 dez.2022.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker, SP: EDUSC, 2001.

SERRES, Juliane Conceição Primon; JASPER, Juliana Rose. **O patrimônio local como um fator de desenvolvimento: potencialidades turísticas de Jaguarão-RS**. *Redes sociais*, 20(3), p. 332-348, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/redes.v20i3.3655>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajétória da Historiografia das Mulheres**. *Politéia. História e Sociedade*. V.8, n. 1. UESB, 2008. Disponível em <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/3871>. Acesso em: 24 jul. 2022.

SILVA, Sandro Pereira (org). **Dinâmicas da Economia Solidária no Brasil: Organizações econômicas, representações sociais e políticas públicas**. Instituto

de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10363>. Acesso em: 22 dez. 2022.

SINGER, PAUL. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Paul ; SOUZA, André R. (orgs.). **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, pp.11-28, 2000.

\_\_\_\_\_. SINGER, P. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Juris – RTJ**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 145-166, jan./jun. 2020.

TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Garamond, Rio de Janeiro, 2002.

TAUILE, J. R.; RODRIGUES, H. **Economia Solidária e Autogestão: a criação e recriação de trabalho e renda**. IPEA – Mercado de Trabalho, [S.l.], nº 24, p.35-43, 2º sem. 2004.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. 32ª Conferência Geral, 2003. Paris. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por). Acesso em: 28 de nov. 2022.

VARÊDA, Dallyne Emanuely Araújo. **História e caracterização da Economia Solidária: estudo de caso de empreendimentos das mulheres em Serra Talhada - PE e Triunfo – PE**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade acadêmica de Serra Talhada/PE. 2019. Disponível em: [https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/2360/1/tcc\\_dallyneemanuelyaraujovalreda.pdf](https://repository.ufrpe.br/bitstream/123456789/2360/1/tcc_dallyneemanuelyaraujovalreda.pdf). Acesso em: 23 dez.2022.

## ANEXOS

### Anexo 1 Questionário de pesquisa

#### Identificação básica

1. Nome completo
2. Nome completo da mãe e do pai
3. Data de nascimento/idade
4. Lugar de nascimento
5. Endereço atual
6. Formação intelectual e/ou profissional
7. Tem filhos? Se sim, qual nome e idade?

1. Como foi que você começou a fazer artesanato, como tudo começou? Você lembra quais foram os seus primeiros artesanatos produzidos?

2. Conte como foi a construção da ECOSOL, como funciona a casa? (ano de criação, como foi as reuniões de construção,, quais foram as motivações para você participar ativamente da casa, etc)

3. Quais são as tuas atividades desenvolvidas atualmente na ECOSOL?

4. O que a ecosol representa na tua vida?

5. Dificuldades que vocês enfrentam?

6. Vocês têm alguma demanda, algo que a equipe acredite que possa ser feito por vocês e/ou pelos órgãos públicos e que possa vir a contribuir no desenvolvimento turístico-econômico-cultural no município? Quais?

7. Conte como é a sua rotina, como se constitui a tua jornada de trabalho, desde o ambiente doméstico até o aqui na ECOSOL?

8. Vocês acreditam que o turismo contribui de alguma forma com a economia solidária em Jaguarão? Como?

9. E em relação a contribuição da ECOSOL para a cidade, como vocês defendem a importância da casa para Jaguarão e a fronteira?

10. Conte algumas histórias sobre sua profissão, sua vida como mulher artesã, as lutas e conquistas alcançadas até os dias atuais.

11. Eventos em que estiverem presentes, algum que queira destacar, parcerias que vocês tenham com outras organizações/instituições da cidade.

## Anexo 2 Termo de Consentimento Livre e esclarecido

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Título provisório da pesquisa – O protagonismo das mulheres da Casa da Economia Solidária de Jaguarão RS.

Pesquisadoras Responsáveis – Kênya Jessyca Martins de Paiva e Alessandra Buriol Farinha - UNIPAMPA.

Nome da participante: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

Você está sendo convidada para ser participante voluntária do projeto de pesquisa que versa sobre as mulheres da Casa de Economia Solidária de Jaguarão, responsabilidade das pesquisadoras Kênya Jessyca Martins de Paiva, estudante do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo - Unipampa e Alessandra Buriol Farinha, docente do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo - Unipampa.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecida sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo principal identificar como se dá a autonomia dessas artesãs no mundo do trabalho em Jaguarão e quais são suas estratégias de visibilidade e empoderamento. Diante disso, os objetivos específicos são: Apresentar a construção da ECOSOL a partir do olhar de cinco associadas; Identificar quais são os desafios da profissão; Conhecer as demandas da equipe no sentido de contribuir no desenvolvimento sócio-econômico-cultural e turístico sustentável do município; Destacar quais são/foram suas formas de resistência frente a dupla/tripla jornada de trabalho.

2. A participação nesta pesquisa se dará por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas no local de trabalho das participantes.

3. Durante a execução da pesquisa, poderão ocorrer riscos de possibilidade de danos à dimensão psíquica, podendo ser amenizadas através de diálogos empáticos realizados a qualquer momento da pesquisa. (Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 - Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Ler

em:

[https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581))

4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão: Contribuir para a escrita da História das Mulheres, em especial no âmbito das professoras das artesãs da fronteira Brasil e Uruguay; Colaborar com a pesquisa científica em Educação e auxiliar na visibilidade da Casa da Economia Solidária nos espaços acadêmicos e fora deles.

5. As participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar às voluntárias pela participação.

6. Se desejar o seu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade.

( ) Desejo manter meu nome em sigilo.

( ) Aceito que meu nome apareça na pesquisa.

7. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins de pesquisa. As pesquisadoras se comprometem em divulgar os resultados de maneira acessível à população com o intuito de produzir conhecimento e aumentar o alcance da sociedade pela ciência.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Kênya Jessyca Martins de Paiva, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (53) 984350460, e-mail: paiva.kenya@hotmail.com e com Alessandra Buriol Farinha, pesquisadora responsável pela pesquisa, e-mail: alessandrafarinha@unipampa.edu.br.

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG nº \_\_\_\_\_, CPF nº \_\_\_\_\_  
declaro ter sido informada e concordo em ser participante da pesquisa acima  
descrita.

Jaguarão, \_\_\_\_\_ de julho de 2022.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura da responsável por obter o consentimento.